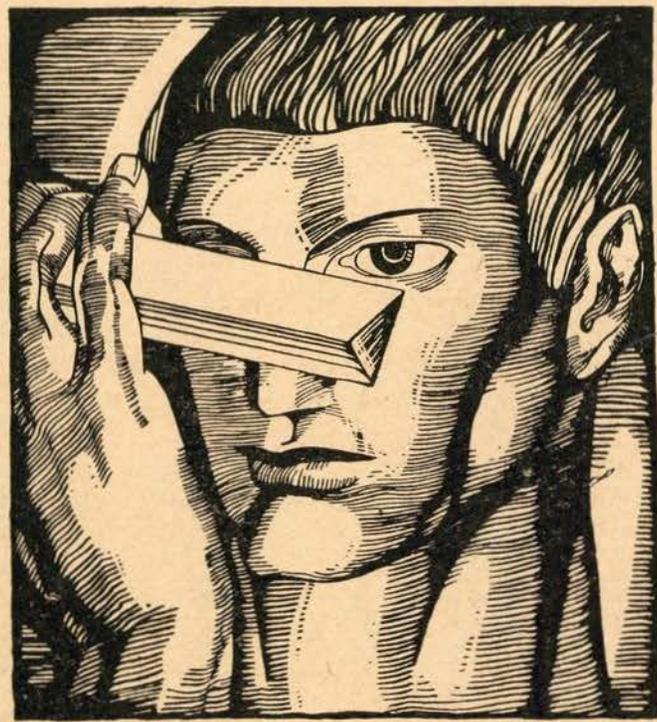


EDICIÓN LEMMA

13

AGO. 1939

# PRISMA



## REVISTA DE FILOSOFIA CIÊNCIA E ARTE

DIRECTOR:  
AARÃO DE LACERDA

### SUMÁRIO:

O POETA BOCAGE (Continuação)  
 DILÚVIO (Versos)  
 SÔBRE O SPHENOPHYLLUM COSTE STERZEL DO  
 CARBONÍFERO PORTUGUÊS  
 ORAÇÃO PARA UMA POBRE (Versos)  
 AUTO DO ZÉ DAS TRÊTAS  
 CANÇÃO DA MÃI  
 ARMANDO DE LACERDA  
 UM GRANDE PROTECTOR E AMIGO DE FRANCISCO  
 DE HOLANDA  
 PERFIL DE CERTO MÚSICO  
 UMA PÁGINA DA RESTAURAÇÃO  
 A OBRA CRIADORA DE ROENTGEN E DOS ESPOSOS  
 CURIE

ALFREDO ALVES DA CRUZ  
 PEDRO HOMEM DE MELO  
 CARLOS TEIXEIRA  
 LUIZ CARDIM  
 CONDE DE AURORA  
 MARIA HENRIQUES OSSWALD  
 LUIZ CARDIM  
 GUIDO BATTELLI  
 ARMANDO LEÇA  
 ANTÓNIO CRUZ  
 ROBERTO CARVALHO

DESENHO de LUIZ FELIPE na pág. 100  
 CAPA de AUGUSTO GOMES      GRAVURAS de MARQUES ABREU

# PRISMA

REVISTA DE FILOSOFIA, CIÊNCIA E ARTE  
PUBLICAM-SE QUATRO NÚMEROS POR ANO

DIRECTOR:

AARÃO DE LACERDA

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Praça da República, 197 — PÔRTO

EDITOR:

ALEXANDRE COELHO

DEPOSITÁRIO: DOMINGOS BARREIRA

LIVRARIA SIMÕES LOPES — Rua do Almada, 123 — PÔRTO

Composta e impressa na IMPRENSA MODERNA, LIMITADA — Rua da Fábrica, 80 — PÔRTO

Esta revista será enviada aos senhores assinantes contra reembolso, ao preço de cinco escudos.

---

---

**IMPRENSA MODERNA, L.<sup>DA</sup>**

=====  
**TIPOGRAFIA e  
ENCADERNAÇÃO**  
=====

**RUA DA FÁBRICA, 80**

TELEFONE, 883

**P O R T O**

# O POETA BOCAGE

(CONTINUAÇÃO)

«É costume, actualmente, quando se trata de escrever a biografia dum homem, apresentar ao mesmo tempo a fisionomia da época, o ambiente, mais ou menos favorável, em que se expandiram as suas aptidões naturais.»

Sousa Viterbo, in *Arquivo Histórico Português*, vol. IX, pág. 385.

**A** GÔSTO de 1790. Estamos, portanto, nos começos da última década do século XVIII, dêsse agitado século, na frase de Júlio de Castilho, em que vemos Portugal atravessar uma das fases mais tristes de miséria e decadência. A sociedade portuguesa debatia-se então no mais estreito e apertado rigorismo que tornava difícil, senão impossível, a expansão do sentimento individual. Pairava por tôda a parte um véu de sombra, sob o qual agonizava o povo no meio da luxúria e do fanatismo, da intolerância política e religiosa e da depravação dos costumes. Na sua maioria, os nobres e principais do Reino entretinham-se com pequenas futilidades, banqueteadando-se como Cresos entre copiosas iguarias e ouvindo os elogios que lhes teciam em volta os seus poetas bajuladores e parasitas, quando não se entretinham com serões ou assembleias que nada ofereciam de notável, a não ser o luxo e a grandeza, «Meros passa-tempos, que pareciam ser a única manifestação séria de vida duma sociedade em verdadeira decomposição» (1).

Diogo Inácio de Pina Manique, o grande homem do reinado, como o considera Oliveira Martins (2), essa figura bastante curiosa e complexa, era o instrumento zeloso do absolutismo e o fiel baluarte das ideas rigorosas da autoridade. «Era o déspota, na mais alvar sinceridade, opina Teófilo Braga, afrontando a sociedade do seu tempo, lutando contra o pensamento moderno sem o compreender, acusando de suspeição revolucionária as maiores capacidades que então existiam, como o Duque de Lafões, Correia da Serra, Ferreira Gordo, Padre Teodoro de Almeida, intimidando todos os poderes

---

(1) *História da Literatura Portuguesa* — Doutor Mendes dos Remédios, Coimbra, 1921, pág. 420.

(2) *História de Portugal* — Lx., 19 , vol. II, pág. 212.

com o terror das ideas francesas» (1). Imperava ainda por outro lado o tribunal do Santo Officio, e, se é certo que o vemos agir e actuar com mais brandura e menos severidade, também não é menos certo que os seus processos, as mais das vêzes, corriam morosos e as penas impostas não deixavam de ser severas...

José Anastácio da Cunha, que foi official do Exército e lente de matemáticas na Universidade de Coimbra, alcançou a vida a trôco da confiscação de todos os seus bens, isto depois de estar encerrado durante três anos na Congregação do Oratório, com a obrigação de fazer penitência dois dias em cada mês e de ser desterrado por quatro anos para Évora, com proibição perpétua de entrar em Coimbra ou Valença (2). Muito mais infeliz foi António José da Silva, por alcunha *o Judeu*, que, sendo apanhado pelo terrível tribunal, foi degolado, e queimado o seu cadáver. Francisco Manuel do Nascimento, mais conhecido pelo nome arcádico de Filinto Elísio, que lhe pôs a Marquesa de Alorna, conseguiu escapar a tempo às malhas da rede que por tôda a parte a Inquisição espalhava, fugindo para França, onde morria, em Paris, depois de 41 anos, cheios de agruras sem conta, longe da Pátria e dos seus. Ninguém se podia considerar seguro, se tudo dependia de uma denúncia... «Foi nesta cidade e nesta sociedade, escreve Olavo Bilac, que o mancebo se lançou de chofre, ávido de amores e de glória. E começou logo a perverter o seu talento nos improvisos e o seu coração no desregramento geral» (3).

Em Novembro de 1791, publicava Bocage o seu primeiro volume de poesias, intitulado *Rimas*, impresso na officina de Simão Tadeu Ferreira; «e, se os versos não rendiam metal, como diz José F. de Castilho, coroavam-lhe a fronte de louros. A sua reputação dia a dia se ia exaltando; já o renome de assombroso improvisador subira da extática admiração das turbas ao atento aprêço dos entendidos» (4).

Orgulhoso dos aplausos, julgando conquistada por tão fácil preço a posteridade, manchou por vêzes na lama do erotismo mais desbocado, na atmosfera viciosa de orgias e bacanaes, o seu estro verdadeiramente extraordinário e digno de melhor destino. Pelo seu grande talento de repentista, que dominava e prendia os maiores auditórios, tornou-se o ídolo dum grupo que vivia à sombra do seu nome, tomando parte em festas particulares e visitando, de quando em quando, os *Outeiros* dos conventos, onde, através duma inspiração e fecundidade assombrosas, Elmano glosava todos os motes que lhe fôsem apresentados. Filho duma época em que a

(1) *Bocage* — Sua vida e época literária — Pôrto, 1902, vol. I, págs. 25-26.

(2) *O Pôrto Culto* — Bruno, pág. 145 e seguintes.

(3) *Bocage* — Olavo Bilac, já cit., pág. 29.

(4) *Manuel Maria du Bocage* — José Feliciano de Castilho B. e Noronha, Rio-de-Janeiro, 1867, tómo II, pág. 73.

individualidade do escritor ou do poeta não existia, mas sim, como escreve Teófilo Braga, o parasita, o comensal duma nobreza estúpida, devota e corrompida, Bocage, achando-se incapaz de vencer o meio deprimente em que vivia, lamenta-se dizendo:

«Que havia de fazer? Cedi ao Fado.»

(Son. XCIX, livro I).

E assim, na mais completa indiferença, abandona-se à corrente do

«maligno século corrupto  
Em que o duro egoísmo abrange a terra,»

(Epíst. V).

e

«Pagava em metro o que devia em ouro.»

(Son. LVII, livro III).

Muito havia a esperar dêsse alto espírito, desde que lhe fôra escola o desengano e a dor e as viagens lhe emprestavam a riqueza e o colorido das imagens. Os sons da sua lira, temperados de novas côres, — côres que mesmo assim transparecem aqui e além na sua obra —, subiriam a maior altura e mostrariam, de-certo, com mais intensidade e fôrça, um mundo novo de horizontes mais vastos e mais livres por onde voassem, sem as peias do arcadismo, do convencionalismo, a emoção e o sentimento individuais. «Alma cheia de aspirações indefinidas, escreve Fidelino de Figueiredo, que um mal-estar invencível desnor-teava como bússola doida, êste poeta adivinhava o individualismo romântico, a melancolia e o descontentamento dos que presenciavam a demolição dum mundo vêlho e, no mesmo instante, se puseram comovidamente a evocá-lo e a amá-lo» (1). Em horas de desalento, quando o poeta sentia bem o seu viver amargurado e triste, inclinava-se para a noite:

«Noite, amiga de Amor, calada, escura,»

(Son. CLVI, livro I).

como todos os infelizes, e desabafava com essa *calada testemunha* tôda a sua imensa dor, desejando, num assômo de revolta, *fartar o seu coração de horrores*:

(1) *História da Literatura Clássica* — Lx., 1922, vol. III, pág. 174.

«Ó retrato da morte, ó noite amiga,  
 Por cuja escuridão suspiro há tanto!  
 Calada testemunha de meu pranto,  
 De meus desgostos secretária antiga!

Pois manda Amor, que a ti sòmente os diga,  
 Dá-lhes pio agasalho no teu manto;

.....  
 .....

E vós, ó cortezãos da escuridade,  
 Fantasmas vagos, mochos piadores,  
 Inimigos, como eu, da claridade!

Em bandos acudi aos meus clamores  
 Quero a vossa medonha sociedade,  
 Quero fartar meu coração de horrores.»

(Son. L, livro I).

É dum puro romântico êste soneto, onde não falta o quadro da natureza, para mais a horas silenciosas da noite, a servir de fundo a êsse mórbido estado de alma, inquieto e apaixonado. Era cedo ainda para a revolução literária que veio a dar-se, em 1825-26, com a publicação dos poemas *Camões* e *D. Branca*, de Almeida Garrett; contudo, como na linha evolutiva de tóda e qualquer literatura existe um certo espírito de continuidade, podemos afoitamente e sem receio de desmentido, apresentar Bocage como o mais estreme e declarado precursor da poesia romântica em Portugal.

José Anastácio da Cunha e António Tomaz Gonzaga, o primeiro com as suas *Composições Poéticas* e o segundo com a sua *Marília de Dirceu*, também ambos êles foram buscar ao coração o sangue para os seus versos, essencialmente líricos, mas nenhum dêles tinha a envergadura poética de Bocage, acrisolada pela vida que tivera, aventureira e romântica. O seu exagerado sentimento de individualidade literária, que fazia dêle o *Sultão do Parnaso*, levava-o a não suportar que outros o igualassem e muito menos o excedessem. Tendo aceitado o convite para fazer parte da Academia das Belas Letras ou Nova Arcádia de Lisboa, estabelecida em 1790, pelo Conde de Pombeiro, José de Vasconcelos e Abreu, em breve rompeu fogo contra os seus consócios, pondo-os a ridículo num soneto que foi o sinal de alarme para uma luta renhida, em que dum e doutro lado se dispararam os epigramas mais duros e causticantes:

«Preside o neto da rainha Ginga  
 À corja vil, aduladora, insana;»

(Son. XXVII, livro, IV).

em que havia referências ao poeta mulato, Domingos Caldas Barbosa, então presidente da *Nova Arcádia*. Bocage, por causa deste soneto, foi expulso do seio da Academia. Por largo tempo continuou a batalha entre Elmano e os poetas da Arcádia, dentre os quais se destacava pelo seu talento e audácia, José Agostinho de Macedo, ex-frade graciano, "*o tonsurado e retumbante Elmiro*". A todos respondia Bocage com golpes de *vergalhada tesa*, golpes que punham a escorrer sangue os seus adversários:

«Vates, que mereceis do cardo a rama;  
Turba, que as setas da calúnia afias;  
Momentâneo borrão de alheia fama:

Dá cabo das sessões com que enfastias;  
Por mão do secretário entrega à chama  
Papelada servil de ninharias!»

(Son. XXXII, livro IV).

Porém, Bocage não se dirigia somente aos arcades, cuja morte profetizou no *momentâneo borrão* do soneto, mas também atacava os frades e a *rígida violência* do seu tempo,

«Sanhudo, inexorável Despotismo,  
Obra da Iniquidade, e do Ateísmo:»

(Son. LII, livro III).

o que era considerado, e com fundamento, um verdadeiro arrôjo e loucura:

«Qual tropa regular, a fradaria,  
Investe a sacra, estúpida ordenança:  
A Paz, filha do céu, calada e mansa,  
Dos couces, das patadas se desvia:

Preside alto Furor à lide ímpia,  
De serpes infernais toucada a trança:  
Pançudo frade borra a tudo avança;  
O furor marcial nos sócios cria;

De um círio desenvolve heróicos feitos:  
Dêste rompe o nariz, daquele a capa,  
Adeus, ombros; adeus, olhos e peitos!

Do sacro frenesim ninguém lhe escapa...  
Oh! que bem do alcorão cumpre os preceitos  
O revoltoso exército do papa!»

(Son. XVIII, livro IV).

«Chamado pela voz da Liberdade»

(Son. LXXXV, livro I).

que lhe enchia o peito e se fazia ouvir lá longe, na França, firme e ousadamente, desde que rebentara a Revolução de 1789, data em que se abre uma época nova para a história com outros homens e outros sentimentos, na expressão de Paul Bonnefon (1), Bocage era o porta-voz em Portugal do espírito revolucionário que começava de agitar a Europa. «O seu sentimentalismo exagerado, o culto da graça feminina, as divagações filosóficas sobre Deus e a Natureza, a ânsia de saber, a adoração da obra dos enciclopedistas, *todos os gritos de dor e liberdade*, que chegavam cá apagados, eram pelo moço poeta cantados em belos e sonoros versos (2). Embora as autoridades políticas, personificadas em Manique, se esforçassem mesmo com leis severas e castigos violentos por impedir a entrada das novas ideias francesas, entretanto elas galgavam as fronteiras e iam ganhando a pouco-e-pouco terreno e simpatia.

É que as ideias, como muito bem escreveu Pinheiro Chagas, têm uma força natural de expansão (3), — tal como as lavas do vulcão, alastram-se, precipitam-se, escaldantes, invencíveis! O rumor que produziu a queda dos muros da Bastilha ecoou a distância, repercutiu-se pelos países da Europa, levando consigo a perspectiva dum mundo novo. Em Portugal vemos um espírito, apaixonado e grande, acarinhar a ideia da Liberdade e soltar hosanas aos princípios liberais. Era Bocage.

«Liberdade querida, e suspirada,  
Que o Despotismo acérrimo condena;»

(Son. LIV, livro III).

«Liberdade, onde estás? Quem te demora?  
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?  
Porque (triste de mim) porque não raia  
Já na esfera de Lísia a tua aurora?»

Da santa redenção é vinda a hora  
A esta parte do mundo, que desmaia:  
Oh! Venha... Oh! Venha, e trémulo descaia  
Despotismo feroz que nos devora!»

(Son. LIII, livro III).

Se pertencesse à França, é inegável, seria o poeta da revolução, a alma viva das multidões agitadas, insofridas. A sua voz ligar-se-ia em unísono à voz de André Chénier, que, além Pirenéus, saudava como o sol redentor a Liberdade e lhe pedia a protecção:

(1) *La société française du XVIII<sup>ème</sup> siècle* — Paris, 1914, pág. XXIV.

(2) *Bric-à-brac* — Dr. J. M. Teixeira de Carvalho, Pôrto, 1926, pág. 351.

(3) *História de Portugal* — Lx., 1902, vol. VII, pág. 326.

«Oui, l'esclavage est dur; oui, tout mortel doit craindre  
De servir, de plier sous une injuste loi;  
De vivre pour autrui, de n'avoir rien à soi  
Protège-moi toujours, ô Liberté chérie!  
O mère des vertus, mère de la patrie!»

Mas a Liberdade, essa *mãe do gênio e do prazer*, essa *mãe das virtudes*, mal diria o poeta que se transformava em arma de morte na mão dos homens, — arma que nem mesmo poupou a sua própria vida, sendo decapitado, em Paris, após quatro meses de prisão em Saint-Lazare! Evidentemente que Bocage, “*inimigo de hipócritas e frades*”, como êle se proclamava a si próprio, não podia ficar impune pelas suas composições racionalistas, em que tão desassombadamente atacava o trono e o altar, «Produções essas que podiam capitular-se de audaciosas liberdades, em uma época, e em um regime, como o de então» (1). Diogo Inácio de Pina Manique, tendo conhecimento de algumas poesias que considerava perigosas e subversivas, como a epístola *Verdades Duras*, que começa por “*Pavorosa ilusão da Eternidade*”, e doutros “*papéis ímpios, sediciosos e satíricos*”, imediatamente expedira ordens a-fim-de se proceder à prisão do poeta e a uma devassa aos escritos que tivesse consigo. Não fizera isso mais cedo, talvez por conservar na memória a elegia à morte de Maria Antonieta, — grito da sua alma sensível contra os desmandos e desvarios da Revolução Francesa:

«Bárbaro tempo! Abominosa idade,  
Às outras eras pelos Fados prêsa  
Para labéu, e horror da humanidade!»

(Elegia III).

Avisado do que tentavam fazer contra si, Bocage refugiou-se na corveta *Aviso*, que partiria dias depois para a Baía, e lá aguardaria secretamente o seu amigo e companheiro de quarto, André da Ponte de Quental e Câmara, avô do autor das *Odes Modernas*. Contra o que julgavam os dois amigos, os “*môscas*”, do Intendente estavam, entretanto, de atalaia. Pouco se demorou Bocage no refúgio que procurara; sendo prêso, em 10 de Agosto de 1797, foi conduzido ao Limoeiro,

«Eis-me vedado ao sol, vedado ao mundo»

(Epíst. V).

«Aqui, onde arquejando estou curvado  
À lei, pesada lei, que me agrilhoa,»

(Son. XXXII, livro II).

(1) L. A. Rebelo da Silva in *Memória biográfica e literária acêrca de M. M. Barbosa du Bocage*, já cit., pág. 32.

«Na estância da opressão, cá onde o crime  
Caminha par-a-par co'a inocência.»

(Epíst. VII).

«Neste horrível sepulcro da existência»

(Son. XXXVII, livro II).

«Onde co'a morte se parece a vida.»

(Epíst. VIII).

emquanto por outro lado procediam à devassa e era prêso também o seu amigo André da Ponte, que nem sequer tivera tempo para esconder alguns papéis comprometedores. Depois de estar enclausurado alguns meses nessa "Estufa de treze palmos," que êle pitorescamente descreve, é levado à presença do juiz, Inácio José de Moraes e Brito, a quem o poeta tece os mais rasgados elogios e homenagens pelo seu porte benigno e humano:

«De férreo julgador não vem contigo  
Rugosa catadura, acções austeras;  
Antes de ser juiz já homem eras  
E achas mais honroso o nome antigo:»

(Son. XVII, livro III).

Foi demorado o interrogatório a que o sujeitaram, chegando até a ser acareado com André da Ponte

«Mas puro dom dos céus, alva inocência  
Esta afronta, êste horror nos atavia;»

(Ode III).

e vendo o juiz Inácio de Brito, a quem chama *bemfeitor amigo*, na sua prisão, *mais um êrro que um delíto*,

«O infeliz (não por culpa, só por fado)»

(Son. XXXVI, livro II).

entrega-o à Inquisição, em cujos quartos jazeu alguns dias, até que foi removido para o mosteiro de S. Bento-da-Saúde, para ser novamente entregue ao poder de Manique que o mandou, por ordem do príncipe regente e de-certo devido à intervenção do ministro José de Seabra e Silva, para o Hospício das Necessidades, acompanhado de recomendações especiais. Rodeado de altos espíritos, dados ao cultivo das boas letras, pôde Bocage compor algumas traduções do latim, entre as quais a das *Metamorfoses*, de Ovídio, e a da 5.<sup>a</sup> *Bucólica*, de Vergílio.

Após uma reclusão de alguns meses, deram-lhe a cobiçada liberdade, mas não sem lhe terem feito uma severa admoestação, censurando-lhe a vida licenciosa e atrabiliária que levava e cujo talento podia pôr ao serviço da Pátria e do Rei.

«Jazem desfeitos meus penosos ferros,  
Sócios fiéis, eis volto  
Liberto de aflições aos vossos braços.»

(Ode XVII).

Regressava ao convívio dos seus amigos e parece que para alguma cousa lhe servira êsse período de clausura e de repouso, pois muda de rumo, arranjando casa adequada para si e sua irmã mais nova, D. Maria Francisca. Foi esta senhora quem sempre acompanhou o poeta nos momentos de glória e de infortúnio, desempenhando com desvelado amor fraternal as funções de enfermeira durante a doença que a-final o havia de matar. Poetisa delicada, como sua mãe, ajudou o irmão no seu trabalho, donde lhe provinha o

«Lucro mesquinho de vigílias duras,  
.....  
.....  
E esteio aos dias são de irmã, que terna  
Curte comigo tormentosos fados.»

(Epíst. XV).

Nunca procurou as digressões e passa-tempos sem que tivesse arranjado os meios de subsistência para no dia imediato acudir às necessidades de sua irmã. Tais eram os sentimentos de Bocage! Levado pelo seu carácter de independência e

«nobre altivez que em mim ressurgê»

(Epíst. XIII).

anos antes tinha rejeitado o lugar de oficial da Biblioteca Pública, que lhe oferecera José de Seabra da Silva, mas, desde que compreendeu a sua situação como chefe de família, pôs de parte êsses sentimentos, aceitando de Fr. Mariano Veloso, religioso arrábido e director duma oficina de calcografia, o encargo de revisão de provas e, ao mesmo tempo, o encargo de compor traduções de bons autores, quando não fôsem originais.

«Em ti, constante, desvelado amigo,  
Demando contra a Sorte asilo e sombra.»

(Epíst. XXVI).

O seu ordenado era de 24\$00 mensais, sendo tôda a primeira edição para a oficina. Dum tal contrato saíram as admiráveis traduções dos poemas:

*Jardins*, de Delille, *Plantas*, de Castel e *Consórcio das Flores*, de Lacroix. Dessas traduções, que Garrett classifica de primorosas, podemos ajuizar do seu perfeito conhecimento da língua francesa e da sua linguagem, que não será pejo dizer, como escreve António F. de Castilho, que a usava limpa e sã (1). Traduziu também algumas das fábulas de La Fontaine, pretexto que lhe serviu para compor por sua vez alguns apólogos originais, apólogos êsses que revestiu duma forma simples e corrente. Atribuem-lhe a tradução do drama histórico *Attilio Régulo*, de Metastásio, mas ela apenas nos mostra os poucos recursos que Bocage possuía da língua italiana, encontrando-se algumas cenas do segundo acto cortadas e os demais versos traduzidos bastante livremente. A segunda edição das suas *Rimas* data de 1800, impressa igualmente na oficina de Simão Tadeu Ferreira, e de 1802 o segundo tómo, contendo êste algumas poesias que Bocage escreveu,

«Co'o pronto auxílio de fiel memória,»

(Son. XCVIII, livro I).

visto haverem-lhe roubado os originais que conservava em Santarém, na casa dum seu amigo e de que o poeta se queixa no prólogo: «a maior parte das Poesias, que publico, foi recobrada com a memória em casa do meu officioso amigo José Sabino de Benevides...». E mais adiante: «Temendo a perda do que, para mim ao menos, era precioso, examinei o livro interior, que me não podem roubar, e, com efeito, copiei dêle tudo o que dou à luz...».

Foi nestas piedosas e nobres ocupações literárias, que eram o ganha-pão para si e sua irmã, que rebentou de novo, por 1801, a guerra com José Agostinho de Macedo, autor da causticante sátira os *Burros*, e que uma denúncia o põe em conflito com as autoridades religiosas, acusado de pedreiro-livre por uma filha, beata e chocalheira, do administrador do Correio Geral, Roque Ferreira Gordo. Descartou-se do primeiro com a brilhante sátira *Pena de Talião*, a mais veemente e incisiva das sátiras portuguesas, no juízo de Rebelo da Silva (2). Quanto à denúncia, o Tribunal do Santo Officio mandou proceder às necessárias averiguações o padre José dos Reis Marques, que, meses depois, participava ao mesmo Tribunal os resultados a que chegara. Todavia, fôra posta de lado a acusação, nunca constando que Bocage tivesse sido incomodado por tal facto.

Em 1804, publica o terceiro tómo das suas *Rimas*, que dedica à Marquesa de Alorna, à formosa Alcipe, um dos valores femininos portugueses de primeira grandeza, que manteve relações literárias com os espíritos superiores do seu tempo. Por seu intermédio, pôde o exilado Francisco Manuel do

(1) *Primavera*, já cit., pág. 137.

(2) *Memória biográfica e literária acêrca de Barbosa du Bocage*, já cit., pág. 44.

Nascimento (Filinto Elísio) ler as *Rimas* de Bocage e enviar a êste uma ode de saüdação.



Após a tempestade vem a bonança. É ditado certo... mas com a bonança deixa a tempestade, as mais das vêzes, profundas alterações, estragos irreparáveis, a ruína, e a própria morte. De tantas apreensões morais e fadigas de espírito, o abalo que sofreu a saúde de Bocage foi grande e forte, — maior e mais forte por certo do que era necessário para aniquilar essa saúde tão abalada já pelo uso imoderado do alcool, pôsto que sem embriaguez, segundo o testemunho dos seus principais biógrafos; pelo uso constante do fumo de tabaco e pelos excessos próprios da vida que levava em tempos de boémio e de estroina.

«Os fados, meus verdugos, meus tiranos  
Folgam de que os mortais nas cans me vejam  
Tristes amostras de freqüentes danos.»

(Son. CXLV, livro I).

«O estrago das forças físicas correspondendo ao desperdício dos dotes intelectuais, abreviaram a existência do laureado poeta...» (1). Tombara perigosamente doente com um aneurisma. Para saberem notícias do seu estado, muitos amigos vão junto do seu leito, e, além do conforto moral, levavam-lhe o socorro preciso para o sustento seu e da irmã. No *Botequim das Parras*, também conhecido pelo nome de *Agulheiro dos Sábios*, ao Rocio, propriedade de José Pedro da Silva, e onde Bocage tivera horas de verdadeiro triunfo e de glória, reuniam-se agora os seus discípulos mais dilectos, como Nuno Álvares Pato Moniz e o Morgado de Assentiz, acabrunhados e tristes no desenlace que sentiam inevitável. Os dias iam passando vagarosos, enervantes, sem que as melhoras do enfêrmo se fizessem sentir; pelo contrário, o mal tornava-se a pouco-e-pouco maior e mais grave. Lisboa inteira, pode dizer-se, estava debaixo duma atmosfera de ansiedade e de incerteza. Não havia que duvidar:

«Eis, eis palpita, precursor da morte,  
No tímido aneurisma o desengano:»

(Son. LXXXIX, livro III).

«Eis meu têrmo negreja,  
Eis no marco fatal meu fim terreno!...»

(Ode XXIV).

(1) *História Literária*, do Doutor Pinheiro, já cit., pág. 218.

A triste nova toma asas, corre ligeira de rua em rua, e na casinha do poeta, na Travessa de André Valente, juntam-se pessoas de tôdas as condições e jerarquias a indagar de Bocage. A dor espalha-se por todos e toma os corações. Há lágrimas de amargura e de saúde. Mesmo os seus inimigos de ontem, os poetas da Arcádia, nesses instantes supremos e como preito de sentida homenagem, levam-lhe o bálsamo da reconciliação. José Agostinho de Macedo, que mais tarde tanto se havia de esforçar por denegrir a sua memória, compõe uma ode que dirige ao poeta Elmano, ao que este lhe responde, sinceramente comovido:

«No sério ponto, que ilusões não sofre:»

(Son. LXXIV, livro III).

«Versos de Elmiro os tempos avassalam,  
(Versos, que imprime em si a Eternidade!)

.....  
Elmano viverá da glória tua!»

(Son. LXXX, livro III).

Acorrem outros poetas, saüdando todos o vate, o rei da harmonia, que jazia moribundo mas com o brilho do entendimento e com as faculdades do espírito lúcidas como nunca. Os seus olhos, dum azul-claro e fulgurante, como o azul do céu em dias de sol vivo, tinham qualquer cousa de grande e de estranho:

«Meus olhos, atentai no meu jazigo,  
Que o momento da morte está chegado;»

(Son. LXVI, livro I).

Nestes reflectia-se a luta que se desenrolava na alma do poeta, e que luta! O problema do ser e do não ser era para êle angustioso, esmagador. Mas a verdade mostrou-se. Sabendo chegado o seu fim:

«Já, já sinto nos olhos, peito, e rosto,  
A névoa, as ânsias, o suor da morte:»

(Son. CXV, livro I).

«Já débil, túbio já, meu estro adeja;  
E entenebrece a mente, e põe-lhe espanto  
A morte, que no peito me rouqueja.»

(Son. LX, livro III).

Bocage, cheio de fé cristã, esperava resignado e confiante, e pede a Deus que ao menos

«Saiba morrer o que viver não soube.»

(Son. XLIX, livro II).

Encarando de ânimo resoluto a morte, não diz:

«Sois vós, destêrro eterno, ermos da morte»

(Son. CXLII, livro I).

«Em vós arrepiado os olhos ponho!»

(Son. XLVII, livro II).

mas sim tem a certeza de surgir

«No seio da brilhante Eternidade,»

(Son. XLVII, livro I).

«Em climas de ouro, em regiões amenas!»

(Son. XLVII, livro II).

Despedia-se do mundo, soltando da sua lira verdadeiros hinos de amor divino e que eram como que o tributo da sua alma de crente arrependida. Tal como o cisne,

«Celebra o triste fim desta jornada» (1)

assim Bocage ia cantando, — pérolas essas que ficaram até agora sem igual nas páginas da nossa literatura, se exceptuarmos a *Consulta* de Antero de Quental. Todos os que assistiam aos seus últimos momentos estavam suspensos dos lábios que deixavam fugir essas harmonias, impregnadas de unção religiosa, e gozavam, recolhidamente, a beleza espiritual que irradiava êsse grande astro no cair do poente. Nem o mais leve queixume contra o mal que tão imprevisadamente lhe derrubava o amor sincero dos seus últimos dias e com êle o sonho que era todo o seu pensamento — o matrimónio.

«Que eu vivesse não quis, não quer que eu viva,  
Lei (sendo etérea), ao coração penosa.»

(Son. CLXI, livro I).

Amava! E como nunca até então tinha amado. D. Maria Vicência, filha mais nova de António Leite (2), ou, como aliás é mais provável, D. Maria Margarida Constâncio, filha de Manuel Constâncio, cirurgião do Paço (3), era

(1) *Obras de Luiz de Camões*, já cit., son. XLIII.

(2) «Em volta de Bocage» — *Arquivo Histórico Português*, vol. IX, pág. 31-40, onde Pedro de Azevedo nos mostra, com a publicação de alguns documentos, a respeitável diferença de idade que havia entre Bocage e a sua pretensa bem-amada.

(3) É idea muito bem apresentada e defendida pelos autores, Artur Lobo de Ávila e Fernando Mendes, no romance histórico sobre a vida do grande poeta — *A verdadeira paixão de Bocage*, Lx., 1926, 1 vol.

a *celeste imagem*, a *alma suave*, a *alma formosa*, que iluminava com a luz da verdadeira paixão a sua alma, que já não era dêste mundo.

« Adeus, ó mundo! ó natureza! ó nada! »

(Son. XLVIII, livro II).

« Adeus .....  
.....  
.....que Elmano expira! »

(Son. LXXXIX, livro III).

Mas não expirava ainda sem que os seus lábios se descerrassem mais uma vêz, a última, e sumidamente, como que o seu espírito já comunicasse do Além, «na esfera do invisível, do intangível» (1), ditasse o seu derradeiro soneto, triste, comovedor:

« Já Bocage não sou!... À cova escura  
Meu estro vai parar desfeito em vento...  
Eu aos céus ultrajei! O meu tormento  
Leve me torne sempre a terra dura:

Conheço agora já quão vã figura  
Em prosa e verso fêz meu louco intento:  
Musa!... Tivera algum merecimento  
Se um raio da razão seguisse pura.

Eu me arrependo; a língua quási fria  
Brade em alto pregão à mocidade,  
Que atrás do som fantástico corria:

Outro Aretino fui... a santidade  
Manchei!... Oh! se me creste, gente ímpia,  
Rasga meus versos, crê na Eternidade! »

(Son. L, livro II).

Mais não podia

« Um peito, de gemer cansado e rouco »

(Son. II, livro I).

e na manhã do dia 21 de Dezembro de 1805, manhã que se apresentara fria e nevoenta, extinguia-se para sempre, com "*êsse grito da alma aflita, vibrado como recurso extremo a Deus*," (2), o genial Bocage, essa luz que fôra um

(1) Antero de Quental — *Sonetos*.

(2) Camilo Castelo Branco — *Curso de Literatura Portuguesa*, Lx., 1876, pág. 261.

meteoro e *dominava tudo e todos*; apagava-se esse caudal de inspiração, esse génio que podia ter ascendido às mais altas regiões do Parnaso se tivesse vindo noutro tempo e respirasse uma atmosfera mais favorável.

«Para apreciar a poesia, e os poetas, escreve Lopes de Mendonça, é força considerar o tempo em que eles vivem, as ideias a que eles inevitavelmente hão de prestar homenagem, as dificuldades que eles não podem repudiar, pela mera energia da sua vontade» (1).

E Bocage aparece-nos como a planta viçosa e cheia de seiva, estiolada e morta a pouco-e-pouco na aridez do terreno e na pobreza da luz.

Coimbra, 1930 — Abril.

ALFREDO ALVES DA CRUZ.



ALFREDO ALVES DA CRUZ, autor deste ensaio sobre Bocage, não pertence já ao número dos vivos; faleceu em 1 de Setembro de 1935, professor do 2.º grupo no Liceu de «José Falcão», em Coimbra, com 29 anos apenas.

Concluira em 1929 a sua licenciatura na secção de Filologia românica, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e principiava auspiciosamente a sua carreira no Magistério Secundário. Foi breve a passagem do Dr. Alfredo Cruz pela cadeira de Professor; suficiente, porém, para evidenciar as notáveis qualidades pedagógicas que possuía, e que fariam do desventurado moço um profissional distintíssimo.

Nasceu, pelos acasos da vida militar que seu Pai seguia, na Torre de S. Julião-da-Barra, em Lisboa (31 de Janeiro de 1906); os seus, porém, eram oriundos de Vila-Cova de Sub-Avô, e na paróquia dessa freguesia o baptizaram. Alfredo Cruz era beirão pelo sangue, e como tal se considerava sempre, votando grande afeição à terra familiar.

Deixou, dispersa pelos jornais de Coimbra e de Arganil, interessante colaboração poética e filológica; e reunia materiais para a monografia histórica de Vila-Cova quando o Destino abruptamente pôs termo à sua prometedora actividade.

Com a publicação do presente ensaio inédito sobre Bocage prestamos homenagem aos incontestáveis merecimentos literários do Dr. Alfredo Cruz.

---

(1) *Memórias de Literatura Contemporânea*, Lx., 1853, pág. 4.

# DILÚVIO

A João Alves.

**N**ESSE frasco vazio  
Onde a essência brilhara  
Brinca o sol com um fio  
Que lhe pende da tiara.

E enquanto a tarde morre  
Tranqüila, sem queixume,  
De todo o frasco escorre  
A luz como perfume...

Ávida de mentira  
Tende a iludir-se a gente,  
Mas na sombra crescente  
De novo o frasco expira...

As mãos querem tapar  
A sua face rôta:  
Dos dedos, devagar,  
Foge a luz gota a gota...

Que podem vãos cuidados?  
Depois, a treva invade  
Os olhos espantados  
Diante da verdade.

Quinta de Cabanas — 1939.

PEDRO HOMEM DE MELO.

## Sôbre o SPHENOPHYLLUM COSTÆ Sterzel do Carbonífero Português

**E**M face dum fragmento de xisto fossilífero recolhido no Carbonífero dos arredores do Pôrto e mostrando dois verticilos de *Sphenophyllum* (fig. 1), reconheceu Sterzel uma nova espécie que descreveu e denominou *Sphenophyllum Costæ* <sup>(1)</sup>, em homenagem ao Dr. Pereira da Costa que enviara a referida amostra para a Alemanha, como julgo, em 1874.

Segundo o sábio paleontologista alemão, os caracteres da nova espécie são os seguintes <sup>(2)</sup>:

Verticilos com seis fôlhas, em disposição trizigíóide, sendo quatro de entre elas mais compridas e as duas restantes mais curtas e largas, em relação àquelas; o comprimento das primeiras atinge cerca de 33 mm., sendo a sua largura, na base, de 2-3 mm. e, no cimo, de 15-20; quanto às segundas, o seu comprimento é de cerca de 20 mm., sendo a largura, na base, de 2-3 mm. e, no cimo, 25-30. O bordo lateral das fôlhas é rectilíneo; o bordo distal é arredondado, apresentando-se *completamente inteiro e desprovido de denticulações*. As nervuras

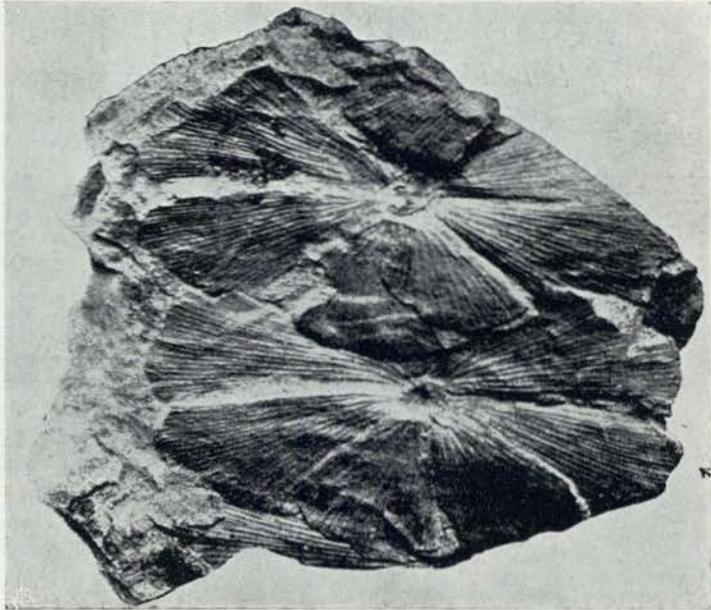


Fig. 1 — *Sphenophyllum Costæ* Sterzel  
Exemplar-tipo (Reproduzido de H. Potonié)  
CARBÓNICO — Paçal, Portugal (tamanho natural)

(1) Sterzel — *Sphenophyllum (Trizygya) Costæ*: XV. Bericht der Naturwissensch. Gesellsch. zu Chemnitz, 1903, p. LXIX, Taf. 1, fig. 1.

(2) Cfr. H. Potonié — *Abbildungen und Beschreibungen fossiler Pflanzen-Reste*, Berlin, 1910. — *Lieferung VII*, n.º 137 (artigo de A. Zobel).

são numerosas, vendo-se apenas duas na base da fôlha, bifurcando-se sucessivamente e contando-se no cimo cêrca de 20.

Ainda segundo Sterzel, as fôlhas desta planta assemelham-se às do *Sphen. longifolium* e às do *Sphen. majus* na forma e nas dimensões, distinguindo-se delas por não terem dentes no bordo distal e serem desprovidas de chanfradura média, sendo também muito importante para a sua caracterização a disposição trizigióide.



Fig. 2 — *Sphenophyllum Costæ*  
Notar a disposição trizigióide das fôlhas  
ESTEFANIANO — Valdeão, Valongo (tamanho natural)

Do *Sphen. Thoni*, com que tem também semelhanças, embora menos acentuadas, distinguir-se-ia, segundo A. Zobel, pela menor espessura das fôlhas e pela disposição das nervuras, encurvadas para o bordo lateral naquele, direitas e dirigidas para a frente na espécie portuguesa.



O exemplar que serviu a Sterzel para a descrição do *Sphen. Costæ* — exemplar que pertenceu ao Museu de Paleontologia da Universidade de Breslau — é, até hoje, o único representante da espécie, tal-qual como foi descrita pelo autor, encontrado em Portugal.

Com efeito, nenhum dos autores que posteriormente se ocuparam do Carbonífero do nosso País faz a mínima referência à citada espécie; pelo meu

lado, nas colheitas efectuadas em S. Pedro-da-Cova, não consegui encontrar nunca formas que se identifiquem completamente com a diagnose de Sterzel, pois, entre os muitos exemplares de *Sphenophyllum* que ali tenho recolhido e que podem ver-se nas colecções do Museu de Geologia da Universidade do Pôrto, nenhum há de fôlhas com margem nitidamente inteira.



Fig. 3 — *Sphenophyllum Costæ*

Fôlha isolada, mostrando os dentes da margem e a chanfradura média

ESTEFANIANO — Valdeão, Valongo (tamanho natural)

Porém, salvo este carácter — que para Sterzel é o mais importante, notemo-lo — é comum no Antracolíptico do Norte de Portugal uma forma de *Sphenophyllum* que, pelos restantes caracteres, se identifica em absoluto com o *Sphen. Costæ*; as suas fôlhas têm, no entanto, o bordo anterior denticulado e apresentam chanfradura média.

A disposição das fôlhas na forma a que me refiro mostra também arranjo trizigióide (fig. 2), sendo quatro mais alongadas e estreitas, com um comprimento de cerca de 30 a 35 mm. e largura, no cimo, de 12 a 15, e duas mais curtas e largas, medindo cerca de 20 a 25 mm. de comprimento e tendo largura, no cimo, pouco diferente do comprimento.

Os bordos laterais são rectilíneos e o bordo distal tem a forma de arco de círculo relativamente aberto, mostrando dentes arredondados e curtos (figs. 3-5, 7, 8, 11).

A chanfradura média das fôlhas tem cerca de 2 mm. de profundidade, sendo mais acentuada nas fôlhas oblongas.

O limbo da fôlha é percorrido por nervuras rectilíneas, relativamente numerosas, saindo da base em número de duas apenas, uma de cada lado, e dando, por bifurcações sucessivas, quasi constantemente 24 no bordo anterior, correspondendo sempre uma nervura a cada dente do limbo. A fôlha fica assim dividida em dois campos, separados pela chanfradura média, e ocupados cada um pelas ramificações da nervura basilar correspondente.

O modo de bifurcação das nervuras é quasi constante para tôdas as fôlhas.

A descrição que acabo de fazer, e as figuras, melhor que as palavras certamente, mostram a perfeita semelhança das formas a que estou a referir-me com a espécie de Sterzel. Em ambas se nota, com efeito, o mesmo número de fôlhas, a mesma disposição trizigióide em cada verticilo, a mesma forma do limbo, as mesmas dimensões, a nervação perfeitamente igual, acrescentando ainda o facto de serem provenientes de locais idênticos ou muito próximos. Tudo isto me leva à conclusão da identidade das duas formas.



Fig. 4 — *Sphenophyllum Costæ*

Fôlha isolada  
ESTEFANIANO — Valdeão, Valongo  
(tamanho natural)

Em meu entender, o facto do exemplar-tipo descrito por Sterzel apresentar margens inteiras, é explicável pela fractura da parte anterior da fôlha ou, por terem os dentes ficado dobrados. E como é carácter comum a quasi tôdas as espécies de *Sphenophyllum* o bordo franjado ou denticulado das fôlhas, é mais de crer esta explicação do que acreditar na existência duma espécie de fôlhas de margem inteira, apenas representada por um único exemplar.

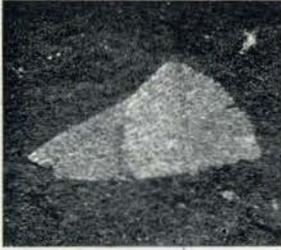


Fig. 5 — *Sphenophyllum Costae*  
Fôlha isolada  
ESTEFANIANO — Valdeão,  
Valongo (tamanho natural)

No entanto, a margem inteira podia existir como carácter meramente ocasional. Zeiller, por exemplo, encontrou fôlhas de *Sphen. Thoni*, que normalmente têm margem franjada com dentes agudos e compridos, com o bordo marginal completamente inteiro (1).

Encontrei no livro de Potonié atrás citado, ilustrando o artigo de Zobel sobre *Sphen. Costae*, esplêndida gravura do exemplar-tipo de Sterzel. Mas, desejando elementos que permitissem levantar a dúvida,

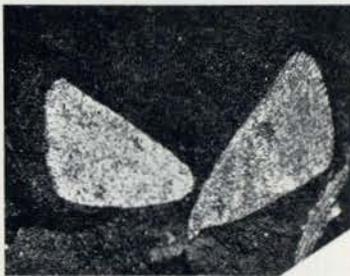
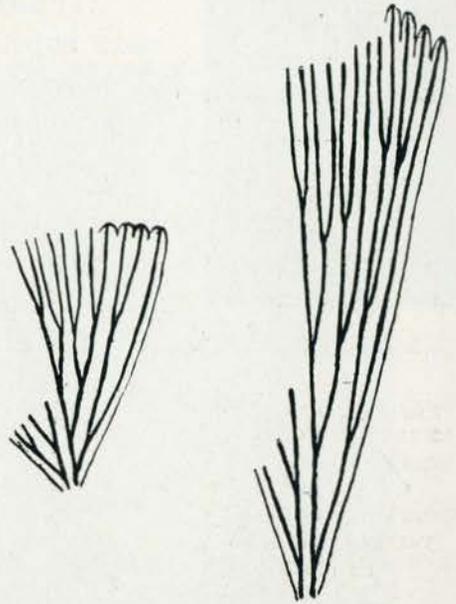


Fig. 6 — *Sphenophyllum Costae*  
Fôlhas de margem distal aparentemente inteira, em virtude de estar dobrada para trás  
ESTEFANIANO — Valdeão, Valongo (tamanho natural)

mais concretos e detalhados do que os que podem obter-se em fotografia, mesmo quando, como neste caso, ela é nítida e clara (fig. 1), escrevi ao director do Instituto de Geologia da Universidade de Breslau onde, segundo a legenda que acompanha aquela gravura, estaria o original. Pouco depois recebia daquele — o Dr. Schwarzbach — comunicação de que não existia no museu o exemplar em referência.

Temos, pois, de limitar-nos ao exame da fotografia. Dela se infere que a maioria das fôlhas tem, sem sombra de dúvida, as margens fracturadas, havendo porém algumas para as quais, se esta afirmação não pode ser rigorosamente sustentada,

o facto é no entanto, possível e, até, plausível. Uma só fôlha merece em especial a nossa atenção pelo precioso elemento que nos fornece. É a fôlha do canto direito da gravura, marcada com a seta, em cujo bordo se distingue



*Sphenophyllum Costae*  
Esquema da nervação das fôlhas

(1) R. Zeiller — *Bassin houiller et permien de Brive*, pág. 74.

nitidamente denticulação análoga à de alguns dos exemplares anteriormente descritos; os dentes são arredondados e parece estarem um pouco revirados para baixo. O exame directo resolveria, com tóda a certeza, a questão. No entanto, e não sendo possível agora saber onde se encontra o exemplar-tipo, suponho que os factos constatados e atrás expostos permitem acreditar na inexactidão da diagnose de Sterzel, provocada por um falso aspecto do exemplar sôbre que baseou o seu estudo.

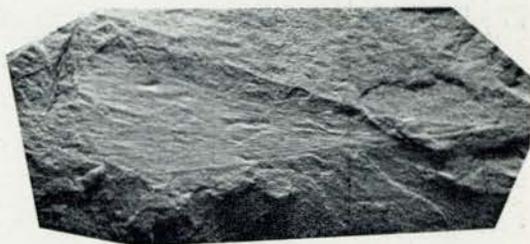


Fig. 7 — *Sphenophyllum Costae*  
Fôlha isolada  
ESTEFANIANO — Valdeão, Valongo (tamanho natural)

Provêm os nossos exemplares das camadas estefanianas de Valdeão,

de Seixo, etc. Em Lisboa, na colecção da Faculdade de Ciências, existe também um exemplar, não classificado, desta espécie (fig. 12), recolhido, segundo a etiqueta que apresenta, em Vila-Verde, vendo-se no mesmo fragmento restos de *Neuropteris auriculata*.



Fig. 8 — *Sphenophyllum Costae*  
Fôlha isolada, mostrando a nervação característica e a margem com dentes  
ESTEFANIANO — Valdeão, Valongo (tamanho natural)

A espécie portuguesa distingue-se do *Sphen. longifolium* pela forma das fôlhas (muito mais largas em relação ao comprimento, mais estreitas na base, muito mais largas no cimo); pelo bordo distal mais encurvado; pela menor profundidade da chanfradura média que atinge, no *Sphen. longifolium*, cêrca de um têrço do comprimento da fôlha, pelo menos <sup>(1)</sup>; pela ausência de chanfraduras laterais; pela exígua dimensão dos dentes da margem; pelas nervuras mais numerosas (no *Sphen. long.* contam-se apenas cêrca de 16 no bordo anterior); pelo arranjo trizigióide das fôlhas, etc.

Do *Sphen. majus*, talvez sua mais próxima espécie, distingue-se pelo tamanho das fôlhas que, naquela forma, raramente atingem 20 mm. de comprimento e 12 mm. de largura; pela maior divisão das nervuras; pela disposição trizigióide das fôlhas; pela menor profundidade da chanfradura média; pela ausência de chanfraduras laterais; e ainda pela constância da morfologia das fôlhas <sup>(2)</sup>.

(1) Vid. M. Hirmer — *Handbuch der Paläobotanik*, Berlim, 1927, p. 367. — A. Zobel in H. Potonié — *Abbildung...*, cit., *Lieferung VII*, n.º 136. — W. J. Jongmans — *Anleitung zur Bestimmung der Karbonpflanzen West-Europas*, 1911, 1 Band., p. 401. — R. Zeiller — *Bassin houiller et permien de Blanzey et du Creusot*, 1906, pl. XXXVI.

(2) R. Zeiller — *Bassin houiller de Valenciennes*, Paris, 1886/88, p. 420. — M. Hirmer, cit., p. 367. — J. Jongmans, cit., p. 399. — R. Kidston — *Les végétaux houillers recueillis dans le Hainaut Belge*. *Mém. Mus. Roy. d'Hist. Nat. Belgique*, 1911, p. 22.

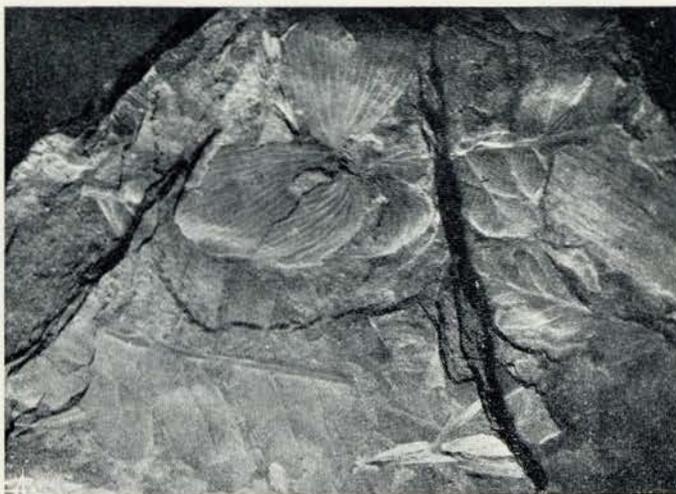


Fig. 9 — *Sphenophyllum Costæ*  
Fólias de um verticilo. Ao lado e inferiormente vêem-se  
impressões de *Callipteridium gigas*  
ESTEFANIANO — Valdeão, Valongo (tamanho natural)

nervuras menos numerosas (duas apenas na base), dirigidas para a frente,

As formas de *Sphen. majus* mais próximas da nossa espécie são, segundo julgo, as representadas na *Fossil Flora of the Lower Coal Measures of Missouri*, de White (1). Basta, porém, o tamanho, a disposição tri-zigíóide e o menor número e ramificação de nervuras (sempre inferior a 20 no bordo anterior das fólhas) para imediatamente as separar.

As fólhas pouco espessas e desiguais, e, nestas, a chanfradura média, as

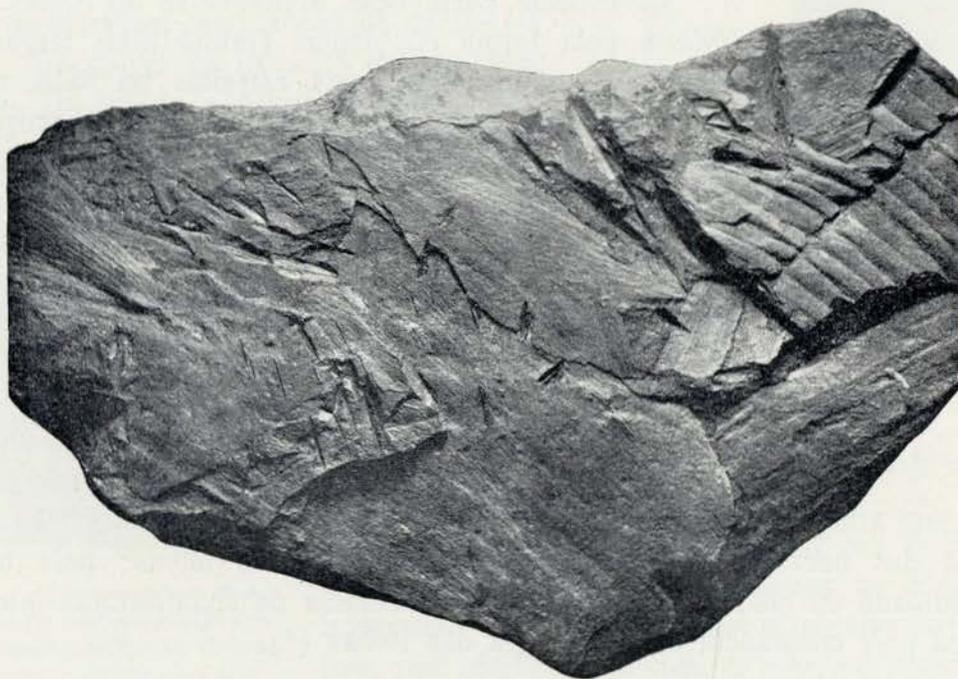


Fig. 10 — Sobre uma grande pínula de *Neuropteris (N. Zeilleri W. de Lima?)*  
vêm-se várias fólhas de *Sphenophyllum Costæ*  
ESTEFANIANO — Seixo, Valongo (tamanho natural)

rectilíneas, as laterais paralelas aos bordos, os dentes da margem pequenos e arredondados, são caracteres que separam nitidamente o *Sphen. Costæ*

(1) Pl. LI e LXXIII.

do *Sphen. Thoni* (1). Segundo A. Zobel, a mais importante característica — porque a não encontramos em nenhuma outra espécie — do *Sphen.*

*Thoni* é a existência de nervuras periféricas em arco, dirigidas para os bordos laterais das fôlhas. Autores há, porém, que incluem nesta espécie formas de nervuras rectilíneas e dirigidas para a frente, tal como as que encontramos no *Sphen. Costæ* (2).



Fig. 11 — *Sphenophyllum Costæ*  
Fôlha isolada  
ESTEFANIANO — Seixo, Valongo  
(tamanho natural)

Foi seguindo êsses autores que apresentei algures (3) uma fôlha de *Sphenophyllum* proveniente de Valdeão como pertencendo a *Sphen. Thoni*. Isolada como estava e incompleta não era possível outra diagnose, de tal modo ela é semelhante àquelas formas de *Sphen. Thoni*, tendo esta classificação, de-resto, sido confirmada por especialista eminente. Comparando-a, porém, com os exemplares depois encontrados, constato a sua identidade com o *Sphen. Costæ*.



O Prof. T. G. Halle (4) identificou com o *Sphen. Costæ* descrito por Sterzel certas formas de *Sphenophyllum* de Shansi, na China, de fôlhas triangulares, com bordos laterais rectilíneos e margem distal inteira, atingindo em comprimento cêrca de 25 mm. e em largura, no cimo, cêrca de 15 mm. e, tendo nervação mais ou menos idêntica à da espécie portuguesa. Essas formas não apresentam, porém, o arranjo trizigióide das fôlhas que caracteriza aquela.

Cabendo à forma portuguesa o nome de *Sphenophyllum Costæ* e verificando-se que a forma de Shansi é diferente desta, não só pela margem inteira das fôlhas, principal elemento para a aproximação das duas formas, carácter que na nossa espécie era apenas aparente, como atrás se viu, mas também pela ausência de disposição trizigia e pelas suas menores dimensões, necessário se torna distingui-las atribuindo à última nova denominação.

(1) Vid., por ex., M. Hirmer, cit., p. 368. — A. Zobel in H. Potonié — *Abbildung...*, cit., *Lieferung VII*, n.º 135. — R. Zeiller — *Bas. h. et perm. de Brive*, p. 74 e 75. — Renault e Zeiller — *Le terrain houiller de Commeny*, p. 488. — Jongmans, cit., p. 404.

(2) Cfr., por ex., P. Bertrand — *Conférences de Paléobotanique*.

(3) C. Teixeira — *Subsídios para o conhecimento da flora fóssil do Antracólítico nortenho*, 1938.

(4) T. G. Halle — *Palaeozoic Plants from Central Shansi*. Geological Survey of China, Peking, 1927, p. 45 e seg., pl. 9, fig. 7, 10 e 11.



Fig. 12 — *Sphenophyllum Costæ*  
Ex. da colecção da Faculdade de Ciências de Lisboa.  
No mesmo exemplar existe *Mixoneura auriculata*  
CARBÓNICO — Vila-Verde, Valongo

trada em qualquer outro lugar da Europa. W. de Lima são, infelizmente, desconhecidos e, êle nunca os figurou nem tampouco descreveu.

A corroborar a minha opinião, está o facto de nas colecções dos Serviços Geológicos de Portugal, em Lisboa, existir um exemplar de *Sphen. Costæ* (fig. 13) proveniente, segundo a etiqueta que possui, de S. Pedro-da-Cova e classificado como *Sphen. latifolia*.

O *Sphen. latifolia* é caracterizado por fôlhas espessas, largas, de margem anterior muito irregular, com dentes arredondados e lobos de tamanho desigual e variáveis na forma. As nervuras são mais numerosas que as da *Sphen. Costæ*, saindo da base quatro e contando-se, no cimo,

Sendo assim, e para não complicar demasiado a terminologia, designarei a espécie de Shansi, descrita e figurada por Halle, com o nome de *Sphenophyllum pseudo-Costæ*.

■

W. de Lima apresenta como existente no Buçaco o *Sphenophyllum latifolia* (1), espécie típica do pérmico da América.

Suponho, porém, que se trata de exemplares de *Sphen. Costæ*, erradamente atribuídos àquela espécie que, de-resto, segundo julgo, nunca foi encontrada. Os exemplares estudados por



Fig. 13 — *Sphenophyllum Costæ*  
Ex. da colecção dos Serviços Geológicos de Portugal  
CARBÓNICO — S. Pedro-da-Cova (tamanho natural)

(1) W. de Lima — *Not. sobre as Cam. da Ser. Permo-Carbónica do Buçaco*. Com. da Com. dos Trab. Geol. de Portugal, II, pág. 129 e seguintes.

cêrca de 34. As suas fôlhas não apresentam chanfradura média (1). Embora próxima do *Sphen. Costæ* a espécie americana é facilmente separável daquele.

No exemplar acima citado de S. Pedro-da-Cova não pode haver dúvidas sôbre a sua determinação como *Sphen. Costæ*, pois, são bem evidentes a regularidade do bordo anterior das fôlhas, em arco de círculo, sem os acidentes característicos do *Sphen. latifolia*, a distribuição das nervuras com dois troncos basilares sômente, os dentes arredondados do bordo e, ainda, a disposição trizígia das fôlhas que, embora não seja demasiadamente acentuada por serem invisíveis em parte as fôlhas superiores, é, no entanto, distinta e bem característica.

Laboratório Mineralógico e Geológico  
da Faculdade de Ciências da Uni-  
versidade do Pôrto, Março de 1939.

CARLOS TEIXEIRA.

---

(1) Fontaine et White — *The Perm. or Up. Carb. Fl. of West Virg. and S. W. Pennsylvania*, 1880, p. 36 e 37, pl. I, fig. 10 e 11.

# ORAÇÃO PARA UMA POBRE

QUE MORREU TUBERCULOSA

**S**ENHORA da Conceição,  
meu doce abrigo!  
de mim tende compaixão,  
sêde comigo.  
Quando eu era tamanhinha,  
ao vosso altar fui levada  
e baptizada:  
valei-me agora, Madrinha,  
nesta jornada!  
Vou pela noite cerrada:  
sois minha luz!  
Pelo Vosso Filho morto  
naquela cruz,  
— Senhora da Conceição,  
minha Madrinha! —  
vossa pobre afilhadinha  
socorrei-a, dai-lhe a mão,  
encaminhai-a a bom pôrto —  
Amém Jesus!

LUIZ CARDIM.

# AUTO DO ZÉ DAS TRÊTAS

## NOTA

O auto que ides ler foi colhido na tradição popular, nas «fiadas» dos serões invernais da parte mais rústica, mais típica e menos «moderna» da Ribeira Lima, coração da velha província de Entre-Douro-e-Minho.

Transmitido de geração em geração, o auto não tem letra própria, pois cada actor compõe as palavras à medida da representação, o que não é de admirar se nos lembrarmos das «cantigas ao desafio» repentistas e ainda tão em voga no Alto-Minho.

A actual composição é tóda do Autor que se baseou no seu atavismo rupestre minhoto, e nos longos anos de estudo e de permanência na terra que é sua e de extensas filias de avoengos seus.

Na região de Portugal que vai das margens do Vouga à Galiza, e do Atlântico às penedias trasmontanas é garantido o êxito desta representação, para o Povo.

Alguns eruditos a apreciarão.

Podem os *snoobs* aplaudi-la.

Das reacções nas «plateas» da charneca alentejana e da massa operária do Barreiro e Xabregas, onde o rádio e o faduncho são o *ersatz* do réque-réque e do cavaquinho — nada prognosticará o humilde e obscuro anotador.

Como V.V. Ex.<sup>cias</sup> terão ensejo de verificar, trata-se de uma graça pesada, rabelaisiana diria quem não conhecesse o velho Mestre Gil, nosso.

Radico as fontes dêste auto nos discípulos e escolares do grande escritor vimaranense — ou *vice-versa*...

Possivelmente, muito provàvelmente, o clássico bebeu nas vélhas fiadas dos serões minhotos coevos.

«It is meat and drink to me to see a clown».

AS YOU LIKE IT.

*Shakespeare.*

CENÁRIO: *ad lib.*

Pode ser a sala ou cozinha de casa de lavrador de aldeia minhota: arcas, lareira, escabelos de pau, mesa afastada — ou a cena representar uma «fiada»: lavradeiras ao-redor da sala, fiando, num serão minhoto de Inverno.

Ou é muito mais simples o público *representar* o serão — e os *cômicos* surgirem no mais elementar dos tablados, despido de tóda a pretensão teatral europeia.

## PERSONAGENS

**ZÉ DAS TRÊTAS:** rapazola aldeão, espertalhote, de vinte e poucos anos, trajando singelamente à camponesa, como costuma, mas tendo enfiada, «por cima», com intenção artística e teatral, qualquer peça de vestuário cômica e vilôa, como seja a quinzena ou o guarda-pó de outra pessoa da casa, ou colocando um bigodinho postiço, de tirar e pôr, feito de *barbas de milho*, e de modo algum do Valverde.

**O VILÃO:** personagem grave da vila, surgindo *sôbre* o actor, bem aparente, de vinte e poucos anos, também.

Traja à *vila*, com uma bengalinha, côco vólho castanho, por exemplo, lenço de sêda rútilo, de preferência verde-gaio, no bôlso. Deve haver muito cuidado na comicidade do vestuário, que vai despertar a disposição hilariante do público simplório, infantil, ingénuo, como deve ser o do *Teatro do Povo*, e é o dos Circos. Mas não «apalhaçar».

**FIGURANTES:** quatro.

## CENA I

*ZÉ DAS TRÊTAS e os comparsas (figurantes) estão de galhofa e a fumar, em grande algazarra, ao subir do pano. Pressentindo algo, fora, Zé das Trêtas manda-os calar — vai à porta espreitar — volta e fá-los aninhar em círculo, no chão, mais por sinais que por palavras, imitando ferreiros a trabalhar. Os figurantes fazem-o ingénuo e inhâbilmente, fingindo que batem com um imaginário martelo numa imaginária bigorna, e um dêles pode até bater no joelho de outro.*

*O VILÃO (entrando cautelosamente)*

— Ora muito boas-tardes. Faz-me o favor diz-me que tenda é esta? Eu queria...

*ZÉ DAS TRÊTAS (sem lhe dar tempo de acabar)*

— Zé das Trêtas, um seu criado, para o servir, o melhor artista de ferraria do Reino. Picos, picotas, picarêtas... Cravos, cravinhos, cravêtas... Portões, portas, portais, portêlos... Grades, gradinhas, gradões... (*faz-lhe sinal de entrar e de o servir*).

## O VILÃO

— Eu queria um aloquête valente para uma tulha, mas...

ZÉ DAS TRÊTAS (*continuando o movimento inicial, sempre*)

— O melhor que há, ferro suécio, todo em estanho, arrebiques e berloques, entrego-lho no sábado às Trindades.

## O VILÃO

— Muito bem; mas como hei de eu dar com a casa? Isto aqui é tudo tão feio, não tem ruas, nem números, nem letreiros...

## ZÉ DAS TRÊTAS

— É o Zé das Trêtas. Na Rua das Pêtas. Casa das Três Gretas.

## O VILÃO

— Pois então estamos entendidos: até sábado. Cá virei; não se esqueça: cousa valente.

(*Zé das Trêtas acompanha-o à porta, muito grave, e, logo que êle sai, desata tudo à gargalhada.*)

## CENA II

*Segue-se, imediatamente, a repetição do início da primeira cena. Mutaçào para "alfaiates", : figurantes sentados no chão, fingindo coser, todos.*

O VILÃO (*entrando*)

— Diz-me, faz obséquio, se é aqui a morada do Sr. Zé das Trêtas?!...

## ZÉ DAS TRÊTAS

— Não senhor, não é. O senhor vem enganado. Aqui é o estabelecimento de alfaiate dêste seu criado, o de mais freguezia do lugar, da aldeia, do julgado e da província. Manel dos Fatos, um seu criado.

O VILÃO (*hesitante, a princípio*)

— Eu poderia fazer uma calça?

## ZÉ DAS TRÊTAS

— Calça, calção, calcinhas, calçada à portuguesa, calça de fantasia, calção de procissão, de baile, de caça, tôda a calça e calção.

*Rápidamente, sem lhe dar tempo e empolgando-o e subjugando-o pelo discurso e pelo gesto, forçando-o mesmo, começa a tomar-lhe medidas, joelho em terra, com um metro de pau ou um cordel que encontre à-mão. Tomar de medidas tôsco, cómico, perante a estupefacção de O Vilão.*

— Quarta-feira, à meia hora, calça encolhida, passada, lustrada, à medida, pronta a vestir.

## O VILÃO

— Mas eu aqui perco-me, não dou com a casa. Eu já o outro dia...

ZÉ DAS TRÊTAS (*não lhe dando tempo de acabar*)

— Pregunte pelo Manel dos Fatos, Casa dos Sete Gatos, na Rua dos Patos (*vai-o conduzindo para a porta, e repete-se o final da primeira cena e início da mesma, imediato, na*)

## CENA III

*Os figurantes juntam-se ao meio do tablado, de joelhos, cabeça e cotovelos apoiados no chão; Zé das Trêtas cobre-os com uma manta velha de farrapos que está próxima, e êles quedam-se imóveis, "mais ou menos", pois devem mostrar ao público a sua posição incômoda e a parte teatral mal desempenhada.*

O VILÃO (*entrando e com o movimento habitual*)

— Não é aqui a casa do Manel dos Gatos ou dos Patos?...

## ZÉ DAS TRÊTAS

— Não, senhor. Isto é o grande depósito de ôdres, onde se fornece tôda a fidalgaria do têrmo e feirantes do Pôrto, Vila-Real e Penafiel! Lau dos Ôdres, êste seu criado!

O VILÃO

— Sim, mas...

ZÉ DAS TRÊTAS (*com o jôgo habitual e rápido*)

— Vocemecê queria então um ôdre?! Vai ver, são de qualidade, do bô.

*Pega numa cana comprida que se encontra próxima e apontando-a às bocas dos "pseudo-ôdres,, por cima da manta, assopra. Um figurante ergue-se sob a manta como balão que se enche de gás, e torna a baixar, lentamente, enquanto Zé das Trêtas vai dizendo: "Vê?! vê?! E quer a experimenta de como são rijos? Ora apalpe!,, Mostra-lhe a "mercadoria,, espetando um dedo, ao calhar, nos corpos dos figurantes. O Vilão faz o mesmo, mas um dos "ôdres,, belisca-lhe o dedo.*

O VILÃO

— Ai!

ZÉ DAS TRÊTAS

— Vê como são rijos, é pele do diabo; de cabra fanada, de três cornos cada duas. Quantos merca?

O VILÃO (*com ar de esperteza*)

— Estes são pequenos. Eu queria um de pipa...

ZÉ DAS TRÊTAS (*acompanhando-o à porta*)

— Quinta-feira, ao cantar do galo, está pronto um de pipa. Leva até 300 canadas. Um animal que eu aí tenho...

O VILÃO

— Mas como é que se topa a sua morada, aqui perdida no monte?!...

ZÉ DAS TRÊTAS

— Ora, ora, bó-te-vai! O Lau dos Ôdres, Bêco dos Pôdres, Casa dos Doze Cöldres!

*O Vilão sai e segue-se o movimento habitual, cobrindo-se os figurantes de novo com a manta.*

## CENA IV

O VILÃO (*entrando, sempre desconfiado... e confiado*)

— Ora com sua licença. Se não estou enganado vive aqui um tal Pau dos Códres ou Cau dos Pódres, um dos ôdres...

ZÉ DAS TRÊTAS

— Fabricante de órgãos, órgãos, aparelhos mágicos e angélicos de *infiingir* música divina, música de igreja e, *imitantes*, tôdas as notas do *arco-da-vélha* da melodia humana, macaqueando orquestras, bandas de regimento, o trovão, a corneta do Juízo Final, uma tempestade, uma tormenta, o vagido da criança, o gorjeio da rôla, o trinar do grilo e do rouxinol... (*vem dizendo numa toada um bocado mecânica:*) Sou mercador dos melhores órgãos do Universo, e aqui se fornecem as sés e as matrizes de todo o Arcebispado de Braga, Primaz das Espanhas; estou afreguesado aos cônegos de Tuy e de Compostela e ao Regimento de Infantaria 3. Tóne dos Músicos, fabricante de órgãos e harmónios, um seu criado (*pausa*). Mas queira experimentar; tenho aqui muito poucos em depósito, mas das mais afinadas vozes: aflautadas, falsetes, requintas, dão de tudo — e como dizia o outro, nada mais parelho da voz da gente, da criaturinha de Nosso Senhor, o nosso semelhante, meu caro freguez. Ora queira dar-se ao incómodo.

*Vai aproximando-se do grupo de figurantes e passando as mãos sobre eles, como quem toca o teclado de um órgão, eles respondem grunhindo distónicos em sons ora roucos ora estrídulos, cousa mais semelhante a cevados que a música.*

O VILÃO (*meio incrédulo... meio crédulo*)

— Sim... êle... de facto... então órgãos?!...

ZÉ DAS TRÊTAS (*peremptório*)

— Estamos entendidos: eu não sou homem de faltar à palavra. Domingo, *na por manhã*, fica pronto a entregar um órgão catita, próprio para pessoa de estimação como o senhor (*encaminhando-o para a porta*). E depois falamos.

O VILÃO (*da porta*)

— Sr.?!... Sr.?!...

## ZÉ DAS TRÊTAS

— Tóne dos Músicos, seu criado. Estamos entendidos!

O VILÃO (*saindo*)

— Mas eu não dou com a casa, aqui neste êrmo, perdida no meio do lugarejo...

## ZÉ DAS TRÊTAS

— Muito fácil: Tóne dos Músicos, Rua das Gaitas, esquina do Largo dos Realejos, ao pé do Chafariz do Solfejo, Casa do Fanfarra.

*Sai O Vilão e repete-se o habitual, preparando-se de novo a manta e os quatro figurantes.*

## CENA V

O VILÃO (*entrando*)

— O Mestre Lau do Solfejo?!

## ZÉ DAS TRÊTAS

— Como diz Vossoria?

## O VILÃO

— Hein! Hum! O Sr. Zé dos Realejos na Casa dos Vinte Fatos, ao-pé da Pôça dos Patos?!

## ZÉ DAS TRÊTAS

— Vossoria pretende uma estalagem — e acertou com a única de boa comida à portuguesa, cama limpa sem *purgas*, petiscos a tôda a hora e a mais rica pinga de verde, tinto ou branco, de Monção ao Rio! Casa de Pasto do Neo da Petiscas, um seu criado. Quere experimentar, e é para já, uma das minhas camas «à francesa», tôda de molas, colchão de penas de pavão, enxerga de folheco escolhido de palha painça das Arábias? Ora experimente

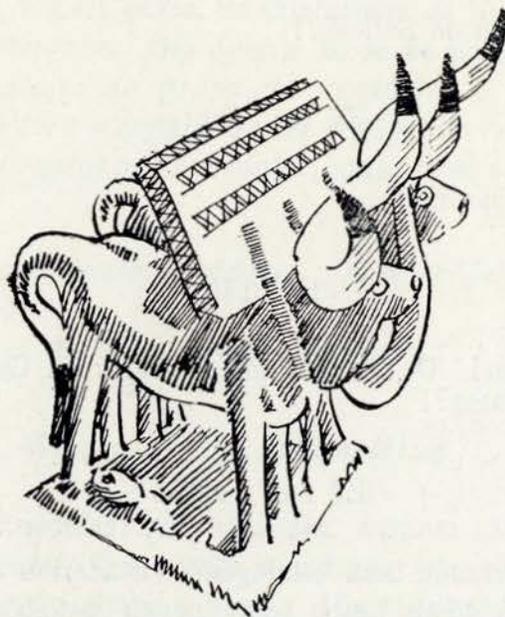
*(aproxima-se, imperativo como o costume, da manta e dos figurantes).  
Faz obséquio de se deitar; então!?*

*O Vilão obedece e estende-se, atravessado, sôbre os quatro figurantes  
que saem pelos lados da manta e o deixam caído no sobrado, a espolinhar-se,  
entupido com a graça, fugindo todos pela porta, em grande estrépito de risota,  
figurantes e Zé das Trêtas, enquanto cai a cortina.*

FIM

CONDE DE AURORA.

NOTA — Este trabalho foi rejeitado no  
recente Concurso do Teatro do  
Povo do S. P. N.



# CANÇÃO DA MÃI

ENTOADA BAIXINHO, MUITO BAIXINHO,  
NAS HORAS EM QUE A ALMA ACORDA...

## I

Dorme, dorme!

Ponho-me a contemplar a tua testa. Olhar de mãe vem incendiado no calor da sarça ardente. Olhar de mãe abençoa.

Que os teus pensamentos sejam claros, robustos, e procurem a luz. Sejam os teus pensamentos simples, claros!

Contemplo os teus olhos.

Olhar de mãe vem a arder em desejo sem-fim. Olhar de mãe enriquece.

Que os teus olhos alcancem os longes sem-fim, e se conservem puros, enternecidos. Que os teus olhos derramem carinho, dêem amparo, criem claridade!

Contemplo a tua boca.

Olhar de mãe tem a força do milagre. Olhar de mãe purifica.

Sejam as tuas palavras frementes, sejam as tuas palavras límpidas, fortes, sãs! Cantem as tuas palavras a Verdade — e se conservem humildes, profundas.

Contemplo as tuas mãos.

Olhar de mãe sabe, olhar de mãe suplica.

Que as tuas mãos amem o Trabalho — auxílio maravilhoso — que as tuas mãos se purifiquem na ventura de dar, ganhem os gestos da graça e saibam erguer-se, limpas, extáticas!

Contemplo o teu coração.

Olhar de mãe tem o poder do amor. Olhar de mãe cinge.

Seja o teu coração fonte de vida, conserve-se o teu coração sereno na luta, humilde na dor, tranqüilo na alegria, alvoroçado sempre no desejo de Deus.

Dorme, dorme, meu menino. O meu olhar, poisado sobre ti, reza. O meu olhar é segunda vida, vida consciente, que todo o meu amor em ti vai insuflando.

Dorme, dorme!

## II

## ORAÇÃO DE MÃI

Tôda a mãe reza, ao começar o dia...

Senhora, mãe dos pecadores, dai-nos a graça de compreender o que Vosso Filho escreveu nos olhos dos pequeninos. As crianças vêm-nos unguidas pelo milagre inefável; tôdas as noites as pálpebras puras tremem sôbre a visão do Infinito.

Senhora, mãe dos pecadores, dai-nos a graça de saber ver. Vêm de Deus os muito inocentes; o amor que por êles sentimos é chave para abrir a porta do reino de Deus,

Amparai-nos, purificai os nossos olhos, cansados, sujos. Deixai, mãe e Senhora, que nós saibamos debruçar-nos sôbre a alma das crianças, que nós com elas saibamos aprender.

Mãe dos pecadores, a vida é tão escura, os caminhos são tão difíceis... Ajudai-nos, não deixeis que nos fuja o momento da nossa redenção.

Os nossos olhos, prêsos aos olhos dos nossos filhos, tornam-se outra vêz moços e encontram o paraíso. Embrandece a dureza, cedem os hábitos maus. Mãe de Deus, ajoelhadas ao pé dos berços dos nossos pequeninos, qual de nós não entrevê o halo do anjo da guarda?

Luz puríssima — milagre — o coração começa a doer, docemente, e recorda. Mãe de Deus, Vós dais-nos as crianças.

Amparai-nos, iluminai-nos, deixai que nós as saibamos compreender. As crianças falam... partículas divinas ficam a rebrilhar sôbre a terra.

Mãe e Senhora dos pecadores, purificai os nossos ouvidos. Deixai que nós saibamos ouvir o que as crianças ensinam.

Sôbre os muito puros poisa o olhar de Deus. A pele dos recém-nascidos tem o gôsto dos lírios nas campinas do Céu.

Mãe que dais a graça, purificai os nossos lábios, que as palavras de cada dia tornam tão feios.

Deixai que sôbre a face dos nossos filhos, possam as nossas bôcas recolher o favor divino.

Os nossos corações secaram no correr dos dias estéreis.

Mãe dos desgraçados, ajudai-nos. O sorriso dos nossos filhos revela-nos a bênção de Deus.

Fazei que nossos corações reverdeçam, fazei que possamos ouvir a lição que as crianças tão maravilhosamente ensinam.

Mãe de Jesus, Vós dais-nos os nossos filhos, tocai com vosso divino hálito nossos olhos, nossos lábios, nossas mãos, nossos corações. Ave-Maria.

## III

## ORAÇÃO DA NOITE

Tôda a mãe reza, à noite...

Vamos rezar, filhos meus.

Bemdito seja Deus, que nos deu a cruz da vida!

Bemdito seja o Céu, por seus claros olhos, as estrélas!

Bemdito seja o mar por seus pensamentos, as espumas brancas!

Bem dita seja a terra por seu noivo, o Senhor Sol!

Bemditas sejam as árvores por suas palavras, as flores!

Bem dita seja a água dos mares, dos rios, dos lagos, por seu amor à  
Senhora Lua!

Bem dita seja a Primavera, porque nos ensina a cantar!

Bemdito seja o Verão, pelo oiro dos trigos!

Bemdito seja o Outono pela côr dos frutos, pelas sombras dos ca-  
minhos!

Bemdito seja o Inverno porque nos dá o frio, porque nos dá a lareira,  
juntamente com a doçura do pensar!

Bemdito seja tudo o que existe, porque em tudo floresce o mistério  
de Deus!

Bemdito seja tudo o que vemos e é pão, vinho e carne!

Bemdito seja tudo o que não vemos e é Som, Sonho, Saúde!

Bemditos sejais Vós, Infantes — árvores de Natal que o Menino Jesus  
vem poisar em cada lar!

Bemditas sejais Vós, mãos postas a rezar, porque já estais con-  
soladas!

Bemditos sejais Vós, olhos com lágrimas, que já Deus vos ungiu!

Bem dita seja a ave que passa, pois suas asas já a ergueram por  
sôbre a terra.

Bemdito seja o sorriso na face da criança — hóstia pura para a mãe  
comungar!

Bemditos sejais Vós, os saudáveis, porque caminhais a cantar!

Bemditos sejais Vós, os doentes, já que tendes a graça dos que  
cismam!

Bemditos sejais Vós, os ricos, que podeis dar!

Bemditos sejais Vós, os pobres — Jesus é vosso companheiro!

Bemditos sejais Vós, os sábios, vós tendes a luz!

Bemditos sejais Vós, os ignorantes, vós podeis adivinhar!

Bemditos sejam os alegres, porque só eles possuem!

Bemditos sejam os tristes, porque conhecem a doçura de esperar!  
Bem dita seja a felicidade: ela nos dá a fôrça!  
Bem dita seja a dor — ela nos dá a certeza, a vitória.  
Bem dita seja a vida, princípio da morte!  
Bem dita seja a morte — princípio de Deus!  
Amém.

MARIA HENRIQUES OSSWALD F. I. L.

(De um livro em preparação — *O Livro de Horas da Mãe*).



## ARMANDO DE LACERDA

*Palavras de apresentação proferidas pelo Dr. Luiz Cardim, antigo professor da Faculdade de Letras do Pôrto, no início da conferência realizada pelo Dr. Armando de Lacerda, a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, em 1 de Abril último, e intitulada Nos Domínios do Som.*

**N**OVAMENTE me é dada a subida honra de presidir a uma conferência da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, e desta vêz, muito explicitamente, como antigo Professor da Faculdade de Letras do Pôrto, e mais, como seu Professor de Filologia Germânica.

Ouvi por várias vêzes Leonardo Coimbra, em discursos dirigidos à mocidade, exortar os novos a subirem mais alto do que êle. Ora, eu que sou de pequena estatura, sob diversos aspectos, tenho hoje a grande satisfação de presidir à conferência dum meu antigo aluno que já subiu mais alto do que eu: o Sr. Dr. Armando de Lacerda.

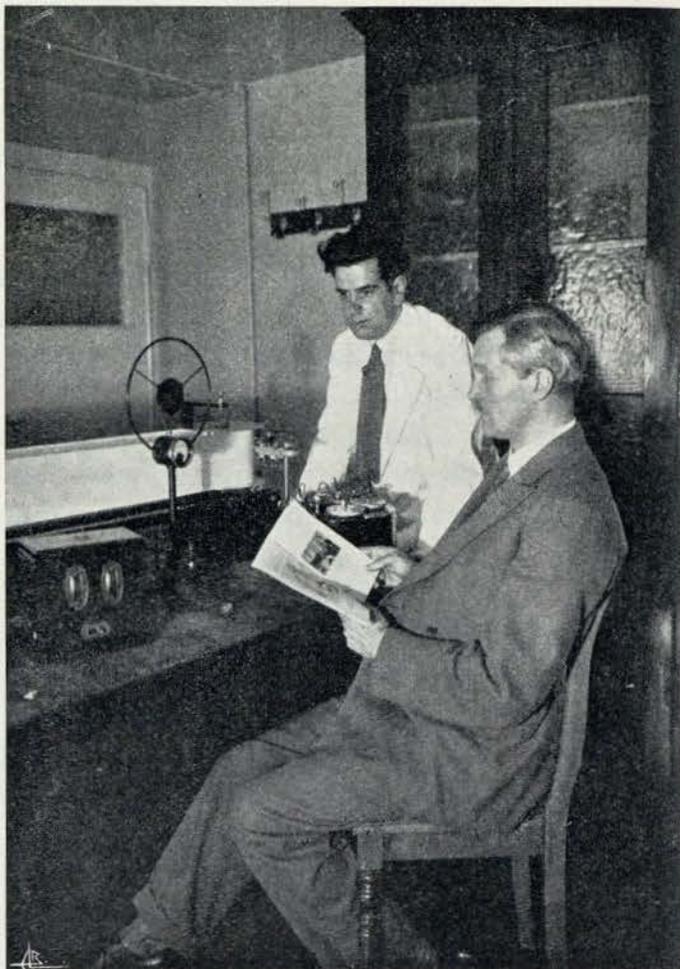
Eu bem sei que o Dr. Armando de Lacerda — que, embora já hoje um cientista notável, continua o mesmo bom rapaz que todos conhecemos — costuma referir-se ao seu antigo professor com palavras de muita generosidade; mas desta vêz farei uso das prerrogativas dêste lugar que me foi bondosamente conferido, e prevenirei a manobra... A verdade é que o Sr. Dr. Armando de Lacerda deve tudo o que hoje é apenas às suas altas qualidades. É certo que um dia me disseram que êle andava desanimado e pensava em ir para África, e é certo que, por essa ocasião, eu, que muito desejaria tê-lo por colega — ainda existia a Faculdade de Letras do Pôrto — lhe dei a idea de pedir uma bôlsa de estudo para ir ao estrangeiro estudar fonética experimental. Mas é não menos certo que o Dr. Armando de Lacerda deve tudo quanto é hoje às suas qualidades pessoais, pois, como todos sabem, eu apenas me limitei à fonética geral e à fonética histórica, e suas applicações didácticas.

O Sr. Dr. Armando de Lacerda aceitou a minha sugestão, e eu ainda agora me pergunto se fiz bem ou se fiz mal, pois que, indo para África, já hoje porventura estaria rico. Mas o meu antigo aluno é daqueles que preferem as lides da ciência aos interêsses materiais; nascemos assim e assim ficamos, isto sem desprimor para os negociantes honestos, que também têm o seu papel social, e merecem tôda a consideração.

Foi portanto o Dr. Armando de Lacerda bolseiro, durante três anos, da Junta de Educação Nacional, primeiro na Universidade de Hamburgo,

onde trabalhou em Fonética com o Professor Panconzelli Calzia, e depois na de Bonn, onde o Professor Menzerath o associou às suas investigações. Pela mesma Universidade de Bonn foi já encarregado, em 1934, de reger um curso especialmente destinado aos doutorandos em Fonética Experimental, sendo-lhe entregue, por igual, a orientação dos trabalhos laboratoriais de algumas teses de doutoramento. E assim o aluno passou a cooperador dos mestres, e em seguida a investigador por conta própria, e a inventor de aparelhos e dispositivos originalíssimos para registo de ondas sonoras, revolucionando com êles a Fonética Experimental, e isto através de inúmeras dificuldades técnicas, que resolveu com grande tenacidade e pleno êxito, e cujo relato já daria por si mesmo uma interessantíssima conferência. E assim entrou a colaborar em revistas da especialidade, nomeadamente *in Archives Neerlandaises de Phonétique Expérimentale*, e em revistas culturais, como o *Boletim de Filologia e Biblios*, e tomou igualmente parte muito activa em Congressos Internacionais da especialidade, como os de Amsterdão, de 1933, e o de Gand, de 1938. E assim dignificou e dignifica largamente no estrangeiro o nome português.

O seu curso na Faculdade de Letras do Pôrto foi extremamente brilhante, sendo um dos meus alunos mais cheios de curiosidade e mais ávidos de saber. E actualmente é Director do Laboratório de Fonética Experimental da Faculdade de Letras de Coimbra, que proficientemente instalou e dotou com todo o material necessário, e aí vai continuando, sempre em ascensão, a sua notável carreira, da qual muito e muito temos ainda a esperar.



O Prof. Armando de Lacerda procedendo a experiências no Laboratório de Fonética Experimental da Universidade de Bonn, na companhia do Prof. Menzerath (sentado, no 1.º plano), Director do mesmo Laboratório.

Entre os trabalhos de vulto publicados pelo Dr. Armando de Lacerda destacam-se os estudos sôbre *Co-articulação e Delimitação Sonora*, de 1935, em que teve a colaboração do Professor Menzerath, e outro, recentemente publicado pela Universidade de Gand, sôbre a *Entoação*, de autoria exclusivamente sua. Devo dizer nesta altura que o Professor Daniel Jones, da Universidade de Londres, achou possível a aplicação do sistema de entoação do Dr. Armando de Lacerda a outras línguas, nomeadamente o inglês. E por tôdas estas razões o nome do Dr. Armando de Lacerda é hoje citado com a maior consideração entre os foneticistas do mundo inteiro, e merece as mais elogiosas referências da parte das revistas culturais, entre as quais posso citar a *Geistige Arbeit*.

E se o Dr. Armando de Lacerda honra dêste modo o nome de Portugal, honra também o nome de seu Pai, que foi um Professor eminente da nossa Universidade; figura bem ao lado de seu Irmão, o meu querido Amigo e antigo Colega Dr. Aarão de Lacerda, também ilustre Professor e crítico de arte; e — embora deva tudo às suas qualidades pessoais, como já acentuei, — dá bom testemunho da antiga Faculdade de Letras do Pôrto, e da própria cidade onde formou o seu espírito.

Por todos estes motivos é com o maior prazer e desvanecimento que presido a esta conferência, e que, ansioso de receber a lição do meu antigo aluno, hoje meu distintíssimo Colega, dou a palavra ao Dr. Armando de Lacerda.

LUIZ CARDIM,

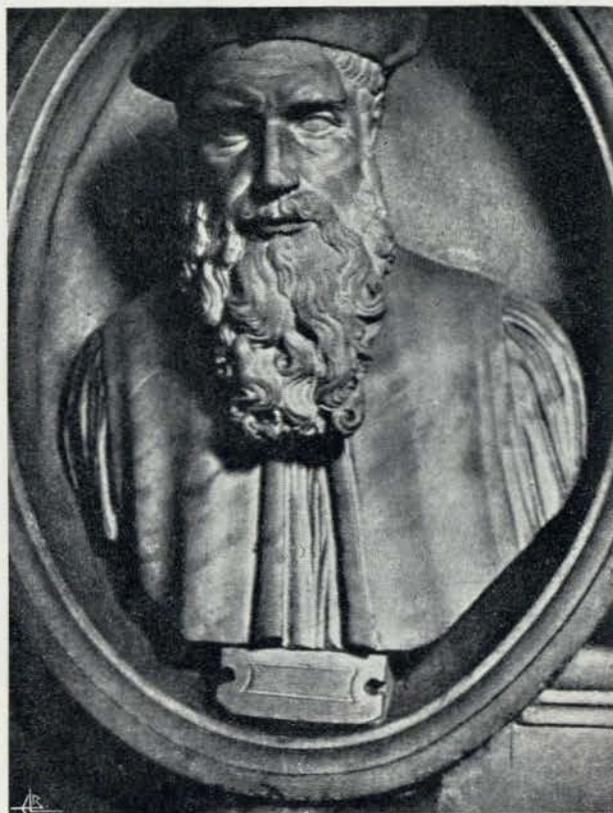


## UM GRANDE PROTECTOR E AMIGO DE FRANCISCO DE HOLANDA

**F**RANCISCO de Holanda chegou a Roma no Verão de 1538. A primeira pessoa que êle foi cumprimentar, depois do Embaixador D. Pedro de Mascarenhas, deve ter sido, certamente, o Cardial D. Miguel da Silva, Bispo de Viseu, que, íntimo amigo do Papa Farnès (Paulo III), gozava de grande consideração na Cúria Romana.

Francisco de Holanda nunca fala dêle no seu livro da *Pintura Antigua*, porque nesta altura o Bispo de Viseu já se encontrava em luta com el-rei D. João III, por causa do estabelecimento do Tribunal da Inquisição em Portugal. Como o livro de Francisco de Holanda está dedicado a êste soberano, compreende-se fàcilmente a causa de tal silêncio.

O Bispo de Viseu apresentou o jovem artista ao Secretário do Papa, Blósio Palládio, Bispo de Foligno, e foi êste que, junto com Lattanzio Tolomei, lhe proporcionou a amizade de Miguel-Ângelo. Tal a grande sorte do pintor português que, tendo ouvido os *diálogos* do grande artista florentino com Vittoria Colonna, na Capela de S. Silvestre, ao Quirinal, e tendo deixado dêles uma relação fiel na sua obra, ligou o seu nome ao do grande Mestre italiano.



BLÓSIO PALLÁDIO

Blósio Palládio, secretário de três Papas (Clemente VIII, Paulo III e Júlio III), foi um escritor elegante na língua latina, como se vê na sua encantadora descrição do Paço e do Jardim de Augustino Chigi, vulgarmente chamado «A Farnesina». A sua obra tem o rótulo *Suburbanum Augustini Chisii*, e saiu em Roma, em 1524.

Palládio morreu em 1550, três anos depois do regresso a Portugal de Francisco de Holanda, e deixou todo o seu património a favor dos órfãos e dos doentes do hospital, sendo sepultado na igreja de «Santa Maria in Aquiro».

Damos aqui a reprodução do busto que está sôbre o seu túmulo.

GUIDO BATTELLI.



## PERFIL DE CERTO MÚSICO

**B**RAGA. No Bom Jesus.

Aqui viemos, ainda de calção, às festas sanjoaneiras.

Subimos o escadório e, de capela em capela, espreitamos, amedrontados, os judeus que mataram o Nosso Senhor.

Nessa noite sonhamos com centuriões carrancudos de espadanhões carniceiros, com legionários armados, ferozes e outros com insígnias imperiais.

Só o rapaz da cêsta dos pregos nos sorria.

Quem nos diria que ao mêdo sucederia, mais tarde, a admiração, quando nas Caldas-da-Rainha deparamos com as esculturas de Rafael Bordalo Pinheiro, destinadas às capelas do Buçaco.

Há anos para êste miradouro bracarense viemos descansar. No hotel ouvia-se o tercêto. As selecções de Alder, aberturas de Suppé, rapsódias de Hussla, etc., todo êsse reportório sedição lá o tocaram com o tilintar dos copos e o ruído dos talheres dos hóspedes.

Lêmos algures que Rossini fôra famoso cozinheiro. Eis um dos compositores indicados para se ouvir durante as refeições.

O violinista tinha a técnica descuidada mas vibrava. Delirava com Puccini, Massenet e as *Czardas*.

Acamaradamos em passeatas pelo parque e assim me apercebi daquele tipo de boémio romantizado.

Levantava-se mesmo à hora de tocar para o almoço, e não se deitava sem jogar e petiscar em qualquer cubículo. Hábitos de quem toca em clubes noctívagos e, em bailes elegantes. Creio que as economias chupava-as... a batota.

Solteirão; enfiava o *smoking* desajeitadamente; lia todos os folhetins dos jornais.

Apreciava Camilo, não pelo estilo mas pelas protagonistas amorosas. Fraseava com ênfase. No género clássico, faltava-lhe sobriedade, correcção, familiaridade de estilo que só se adquire com muitos anos de treino e cultura.

Tocava em casinos, teatros, cinemas, festas religiosas, e récitas de caridade das quais ensaiava os coros.

Escrevia números ligeiros, mas a lápis e sem acompanhamento.

Tudo isto se apropriava ao músico nómada, perdulário, pobretão, gabarola, mas simpático. Descobri que se apaixonava facilmente; erupções sentimentais de pouca dura. As mulheres perseguiam-no.

Aparentemente alegre, em verdade era tristonho, irritável e um amoroso platónico.

Impressionou-nos, porque naquele todo de dispersivo, perdia-se um artista de mérito. Quantos assim!

Os bentinhos ao pescoço, que lhe dera a mãe, beijava-os enternecido. Quando falava dela, da última raiz do seu lar, emocionava-se.

Depois que por aí o deixei longo tempo nada soube, por onde trabalhava, até que entrou em Leixões o vapor *Trás-os-Montes*.

Fomos a bordo. Dançava-se no salão de baile. O violinista era o nosso conhecido do Bom Jesus.

Contou-me então que há dois anos se anichara como músico de bordo.

Enjoava de quando em quando. Avelhado, abatido, menos expansivo, mirrava-o aquêlê cativeiro limitado entre bombordo e estibordo.

Trouxe-o a terra e palmilhamos o Vale do Leça. Fumava doidamente. Poucas falas.

Aquêlê espírito fraco, hesitante, romanesco, falhara na vida!

Na tarde a seguir trepamos os degraus do portaló para dizermos adeus a êste embarcação forçado.

Confiou-me uma caixa de charutos lacrada, dizendo: «tenho pena de desaparecer entre desconhecidos, e profanarem o que aqui está dentro.

Guarde-ma até à volta. Se eu morrer abra-a e queime tudo».

Um abraço agoirento e descemos ao barco. Ficou espetado na amurada e como descreveu Rui de Pina:

«Como quer que sua alma começava, dentro a vestir-se de muita tristeza.»

Anoitecia. O vapor silvou a chamar piloto. Gaivotas dentro da barra voavam e mergulhavam a bicarem pescaria.

Içaram-se as fateixas; ouviu-se a sineta de bordo e as asas do leme rodaram agitando o mar. A quilha inclinou-se a favor do mareiro, e o *Trás-os-Montes*, majestoso, a fumegar, com a bandeira portuguesa aloirada pelo sol-poente, aproou à barra.

Da ré o violinista acenava-me com o lenço. Lá foi aquêlê mal-afortunado!

Como fogos-fátuos, os faróis bicolores sinalavam a entrada nos molhes; as traineiras saíam uma-a-uma, vogando para o alto mar. As nuvens apurpuradas ao poente, acinzentavam-se agora pela ausência do sol. A teia da mastreação e velas dos navios ancorados na doca anegralhava-se, esmaecia; o meu barqueiro, como que sugestionado pelo fim de tarde impreciso, de «quem parte... de quem fica...», remava silencioso.

Das vidraças da casaria de Leça apagavam-se os agonizantes clarões do sol.

Longe, muito longe, sôbre o mar imenso, ainda se divisava o fumo do vapor.

Apiedei-me dêste músico sem eira nem beira, que talvez estivesse a tocar o seu predilecto Massenet...

Soubemos depois que morrera quando regressava. Meteram-no num saco e após as orações cristãs atiraram-no ao mar.

Abrimos então a caixa. Estava cheiinha de cartas e fotografias de mulheres.

Amoricos... Amores...

Quem seria a galante figurita em busto, com fundo de milheiral? A outra, na beira-rio, em cabelo? também sentada num marco de estrada? Junto ao lago? num carreiro de pinhal?

Ainda se lembrarão dêle?

Mas uma mulher que muito lhe quisera escreveu assim:

«Contei e, como exigias, contei-te tudo. Empalideceste ao ponto de me afligir.

«Diluíram-se as tuas dúvidas, mas moeu-te a confissão. Confia! Agora, antes Deus me leve do que trair-te!

«Dizes que não sou bonita! Tiveste, então, mau gosto ou, egoísta, queres-me só para os teus olhos?

«Outra tão pródiga, como eu, não encontrarás! Reconheces, mas enfadas-me com o teu hesitar!

«Longe é que sinto a tua falta, o vácuo da tua ausência. Tenho medo da vida; não sei lutar sem ti!

«Andas por tão longe! São minutos que estamos a perder e que não é possível recuperar.»

E a êste músico errante, profundamente amoroso, mas pessimista com o amor das mulheres, alguém lhe escreveu: «se não fosses tu, que seria da minha vida?...»

— «O meu maior desejo, é dar-te uma vida feliz!»

Queimei tudo. Apenas transcrevo estes excertos para algo ficar daquele que o mar descarnou e que foi talvez o último músico português, romântico e boémio!

ARMANDO LEÇA.

# UMA PÁGINA DA RESTAURAÇÃO

A FUGA DO EMBAIXADOR D. FERNANDO TELES DE FARO

**A**QUI, na antiga, muito nobre, sempre leal e invicta cidade do Pôrto, fêz erguer certo devoto de Santo António, no ano de 1643, um padrão em que se pedia aos transeuntes que rezassem uma Ave-Maria pelos *leais a este Reino*. Tal obra revela um vivo sentimento patriótico da parte daquele a quem ela se deve (1). Mas cumpre dizer que nesses agitados e entusiásticos dias do Portugal Restaurado nem todos os portugueses foram leais a seu Reino. Entre eles — como tinha razão o Épico! — também houve traidores. Esta nótula tem apenas um fim: trazer a público nova contribuição documental para a história da odisseia dum desses traidores à Pátria.

No comêço do ano de 1658, a Rainha D. Luíza, Regente do Reino por morte de D. João IV e durante a menoridade de seu filho D. Afonso, nomeara D. Fernando Teles de Faro, sobrinho do Conde de Odemira, Embaixador de Portugal às Províncias Unidas, «entendendo — no dizer do contemporâneo Conde de Ericeira — que devia fiar da sua capacidade comissão tão importante, e de tantas consequências, como a Embaixada de Holanda».

O novo Embaixador embarcou para Haia em Fevereiro de 1658. Pormenores da viagem — onde começou a odisseia de D. Fernando Teles de Faro — trá-los o insuspeito D. Luiz de Menezes, na sua obra clássica unânimemente aceite como um monumento erguido com factos verdadeiros, a que não falta ainda o cuidado da descrição e a riqueza e variedade do estilo. Cabem aqui estes períodos, sôbre a tormentosa viagem:

«Embarcou-se em hum navio de hum Capitão chamado D. João Colarte, que com soldados de varias Naçoens andava a corço. Nos primeiros dias padeço hum temporal, que o obrigou a arribar a Setuval, parece que mostrandolhe o mar, que lhe era pezada carga a sua pessoa corrupta dos maos intentos, que levava. Passou de Setuval do navio de D. João a outro Inglez, e nelle fez sua viagem, e chegou a salvamento a Holanda» (2).

Sabe-se que chegou a Haia no mês de Julho (3). Logo de entrada,

---

(1) Êste padrão foi levantado junto da capela de Santo António do Penedo. Cfr. Pedro Vitorino, *Notas de arqueologia portuense*, pág. 106 (Pôrto, 1937).

(2) V. D. Luiz de Menezes, *História de Portugal Restaurado*, Parte II, Livro IV, Lisboa, 1751.

(3) V. Edgar Prestage, *As relações diplomáticas de Portugal com a França, a Inglaterra e Holanda, de 1640 a 1668*. Coimbra, 1928.

deu a Douring a impressão de ser *homem inteligente*, mas o Conde de Cominges informava Brienne de que êle não tinha outras qualidades que o recomendassem a não ser o seu parentesco com Odemira (1).

Sôbre as diligências de carácter diplomático levadas a efeito por D. Fernando Teles de Faro, é o investigador Dr. Edgar Prestage quem nos dá a notícia mais completa, devidamente documentada, na sua obra de conjunto em que analisa tóda a história diplomática do agitado e glorioso período da Restauração.

O Conde de Ericeira, desbravando terreno para nos dar, ao depois, o pormenorizado relato da fuga do Embaixador de Portugal para Castela, escreve, de início, o seguinte:

«Logo que desembarcou, fez a sua entrada, e conseguiu avistar-se com o Confessor de D. Estevão Gamarra, Embaixador de Castella naquella Corte; e receando o discurso, que podia fazer Luiz Alvares Ribeiro, Secretario da Embaixada, desta comunicação, que lhe não podia ser encuberta, lhe disse, que tinha chamado ao Confessor para ajustar a cortezia, que devia haver entre elle, e o Embaixador de Castella, quando succedesse encontrarem-se; não podendo Luiz Alvares penetrar por outra alguma inferencia o seu abominavel intento, facilmente se deixou persuadir da sua desculpa: porém não querendo D. Fernando arriscar-se na continuação da pratica a alguma suspeita, concertou com o Confessor, que de noite depois da casa recolhida, viesse falarlhe o Secretario do Embaixador de Castella, chamado Richarde.»

Os lances romanescos que se seguiram até à fuga de D. Fernando Teles de Faro para Castela, são por demais conhecidos, pelo que me abstenho de os enumerar. É ainda a *História de Portugal Restaurado* o trabalho onde essas aventuras do Embaixador de Portugal mereceram a mais completa notícia, que desce até factos que, de tão insignificantes, chegam a parecer inverosímeis. Nada esqueceu o Conde de Ericeira, desde o pormenor dos ciúmes por uma certa Joana com que D. Fernando Teles de Faro pretendeu justificar as observações do Conde de Meslay, Embaixador de França, a seu respeito, até explicar que êle e o Conde de Aveiro «dentro de pouco tempo tiverão em Castella tantas desavenças, que até entre si experimentarão o castigo de seus desacertos».

Ao proceder à recolha de elementos para um catálogo especial de manuscritos dêste período (2), encontrei, no códice n.º 504 da Biblioteca da Universidade de Coimbra (3), uma *Carta que o Conde des Meslay escreveo*

(1) Cfr. Edgar Prestage, obra cit., pág. 243.

(2) V. António Cruz, *Catálogo dos manuscritos da Restauração*, existentes na Biblioteca da Universidade de Coimbra (Coimbra, 1936).

(3) Abre êste códice uma cópia da Primeira Parte das «Antiguidades da Muy Nobre Cidade de Lisboa, Imporio do Mundo, e Princeza do Mar Oceano», de António Coelho Gasco. Foi publicado êste inédito no *Archivo Bibliographico* da Biblioteca da

ao Conde de Odemira sobre a fugida de D. Fernando Telles de Faro de Holanda para Castella, datada da Haia, a 10 de Junho de 1659. Nessa carta é relatado, duma forma diversa daquela por que o faz o Conde de Ericeira, tudo quanto se passou à volta da fuga de D. Fernando Teles de Faro. Não apresenta factos novos: conta-os, no entanto, por uma forma nova (1).

Eis o motivo porque julgo não ser de todo despida de interêsse a sua publicação. E aqui termino esta *cerimônia de escrever Prólogo*, — como diria o Conde de Ericeira — pois *avalio por inutil este trabalho, entendendo que na escolha da historia, e no acerto de escrevella consiste toda a fortuna dos Authores*. E tem a palavra o Conde de Meslay:

«Senhor. Eu não duvido que a acção que fez D. Fernando Telles de Faro de que vós apprehendereis as particularidades por André Duarte que vay despachado para essa Corte, vos seja tão sentida, como o foi de mim, sendo elle honrado do vosso parentesco, e havendolhe sido procurada por vós tão honrada occupação. O secretario da Embaixada de Castella ha dito a muytas pessoas dignas de fé que o tinham ganhado, e empenhado desde o mez de Setembro e Sua Eminencia teve este avizo no fim do anno passado, e me deu da parte de Sua Magestade de dar avizo ao senhor Alvares Ribeiro debaixo de hum juramento muito precizo, que eu lhe fiz fazer de o não descobrir á pessoa, mas só de vigiar, e observar seu procedimento, assim que o serviço de vosso Rey não podesse receber algum prejuizo ate a partida do senhor Ulhoa. Eu fiz quanto pude para o obrigar a bem viver para comigo, como alliaás o testemunharam as cartas que eu escrevi naquelle tempo á vossa Corte nas quaes eu fazia huma menção muito honrada della, ainda que depois do dito mez de Setembro eu o tivesse reconhecido muito atrevido, e mudado de sua inclinação, e me parecia que elle não correspondia como devia a todas as gentilezas e cortezias que eu lhe havia feito em sua chegada. Mas depois da partida do senhor Ulhoa, elle não guardou mais alguma medida para comigo, e devendo ter obrigação de deferir aos avizos que eu

---

Universidade de Coimbra. Segue-se uma miscelânea de papéis que versam assuntos históricos. Entre estes, vem a Carta ora trazida a público.

Batido a ouro sôbre o revestimento de carneira das capas do códice, há um brasão idêntico ao que Aníbal Fernandes Tomaz, na sua obra *Os ex-libris ornamentaes portuguezes* (Pôrto, 1905), diz ter sido do 1.º Duque de Lafões, D. Pedro Henrique de Bragança Sousa Tavares Mascarenhas e Silva. Pode ter sido êste o primeiro possuidor do códice. Posteriormente, pertenceu êle a Monsenhor Hasse e foi com a sua livraria para a Biblioteca da Universidade de Coimbra.

(1) Para facilidade de composição desdobraaram-se as abreviaturas do manuscrito. Tratando-se dum documento da segunda metade do século XVII, nada obriga a indicar as letras acrescentadas.

lhe dava, os quaes hião a adiantar o negocio da paz, pela qual era vindo, elle me não vio maes que muyto raramente, e começou a fazer queixas de mim, e do Rezidente de Inglaterra, não só neste lugar, mas na Corte de França e nessa de Portugal, donde fui advertido pelo senhor Conde de Comenge, como tambem o fui no conteudo na Carta que elle havia escrito a Monsieur o Duque de Aveyro de que havendolhe eu mandado fazer queixa pelo senhor Ribeiro, e da Costa, não recebi mais que muito fracas, e más desculpas. Elle me fez despois a peça do Padre Vaz a qual me podera fazer grande mal, se eu o não tivera prevenido pela comfrontação que eu fiz fazer do dito Padre Vaz com o meu Esmoler dentro da minha Camera, e em prezença do Senhor Ribeiro, e de sete, ou oito pessoas de qualidade, que a boa fortuna havia trazido aquella manhã á minha Caza, diante das quaes elle ficou tão confuzo, que aquelle mao, e maligno artificio foi inteiramente descuberto; e como no sequito do negocio o dito Senhor Fernando tomou afirmativa pelo dito P. Vaz contra mim, a que me não deu satisfação, que de muyto má graça eu obrigado pela voz publica de todo o mundo, que condemnava esta acção, não se fez nenhuma duvida que o dito Padre Vaz fosse o Instrumento de que os Espanhoes se havião servido para o ganhar, e corromper.

O dito Padre Vaz havendo sustentado perpetuamente hum Comercio com os trez Jesuitas que servem na Capella do Embaxador de Castella, não obstantes os avizos que eu mesmo lhe dei, e mandei dar por differentes pessoas, e por muitas vezes ao dito Senhor D. Fernando. Por esta razão escrevi a Monsieur de Bordoz nosso Embaxador em Inglaterra, advertissem ao senhor de Mello de se entregar do Padre Vaz, e de o inviar em Portugal para dar ahi conta das suas acções. Isto he senhor o de que sinto ter obrigação de vos informar, e de vos dizer que eu não me espanto mais que nosso accommodamento com os Estados haja mancado longo tempo, mas que aquelle que o devia adiantar se governava pelo Conselho, e artificio de Castella, não trabalhava maes que a destruir nosso trabalho, suprimindo as ordens que tinha, e enchendo as suas cartas de todo o genero de falsidades, e de suposições, nas quaes o senhor Rezidente me confessou despois que elle me não tinha perdoado, e havia escrito com falsidades de mim, e da nossa Corte, e entre outras havia enviado copias falsas de pretendidas Cartas de Sua Eminencia, que elle dizia haver de meus Secretarios, mas de presente todos seus falsos, e velhacos artificios não são que demaziadamente descubertos; mas ha mister sonhar no remedio, de que eu entendo que o mais proprio, e seguro he fazer vir logo o senhor Ulhoa com bons poderes, e Instruções afim de terminar o maes depressa o negocio, pelo qual nos fazemos o possivel por entreter as boas disposições, que ategora estiverão aqui neste governo, e em meu particular, eu vos suplico muito humildemente deverdes que todos os sogeitos de justas queixas, e offensas, que eu posso ter contra o dito senhor Fernando não sejam capazes de diminuir nada da alta estima que eu tenho dos merecimentos, e virtudes da vossa pessoa, e do zelo, e afeição, que eu sei que ella tem pela

honra e satisfação da Coroa digo honra e conservação da Coroa de Portugal, e debaixo destas protestações, eu vos suplicarei me creaes muito apaixonadamente— Senhor Vosso muyto humilde, e muyto affeiçãoado Servidor— *De Thou Conde des Meslay.*

SOBRESCRITO: A Monsieur O Conde de Udemira Governador da pessoa Magestade de Portugal — em Lisboa.»

Maio de 1939.

ANTÓNIO CRUZ,

Director do Gabinete de História da Cidade do Pôrto.



## A OBRA CRIADORA DE ROENTGEN E DOS ESPOSOS CURIE <sup>(1)</sup>

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

**C**ONVIDOU-ME o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director desta Faculdade a dizer-lhes algumas palavras sôbre a obra de Roentgen e Curie, homenagem a tão illustres sábios que no momento presente o mundo inteiro venera.

O esbôço do quadro que vou traçar, merecia mãos de melhor artista se atendermos à grandiosidade da sua composição.

É que a descoberta dos *Raios X* por Wilhelm Roentgen, e do *Radium* pelos esposos Curie formam o remate do grandioso monumento radiológico que tanto fêz, tem feito e fará avançar as ciências médicas.

Em Outubro de 1895, Roentgen, professor de Física e director do Instituto da Universidade de Wurzburg, resolveu fazer algumas experiências com os raios catódicos.

Os trabalhos anteriores de Hertz, Lenard e outros, tinham revelado novos e interessantes fenómenos nas descargas eléctricas em tubos rarefeitos e precisamente essas experiências suggestionaram a Roentgen a possibilidade de existirem mais problemas a resolver.

Intuitivamente procurou descobrir outros fenómenos radiantes, independente dos causados pelos raios catódicos. Utilizou os tubos de Lenard e outros de vácuo variável cobertos de papel preto, os tubos de Hitorf-Crookes, tendo descoberto, então, novas radiações.

O novo fenómeno manifestou-se pela fluorescência dum pequeno *écran* de platinocianeto de bário sob a influência duma certa energia emitida por um tubo de Crookes.

O dia 8 de Novembro marca uma data memorável na história da Ciência. Roentgen observou pela primeira vez com os seus próprios olhos, a fluorescência esverdeada dum *écran*, numa sala cuidadosamente escurecida, onde tôdas as espécies de radiações até então conhecidas, tinham sido escrupulosamente excluídas.

Assim, na obscuridade, apreciou o novo fenómeno. Esta radiação invisível, possuía um poder de penetração desconhecido. Penetrava o cartão, madeira e os tecidos, com tôda a facilidade, atravessava um livro espesso

---

(1) Conferência realizada na Faculdade de Medicina do Pôrto, na «Semana internacional de luta contra o cancro», em Novembro de 1938.

de 2.000 páginas, mas os metais, tais como o cobre, o ferro, chumbo, prata ou ouro, eram praticamente opacos.

O mais estranho e que feriu a sua atenção, era que, enquanto as partes moles do organismo eram transparentes, os ossos não o eram; interpondo a sua mão atrás do *écran* viu, pela primeira vez, a silhueta do seu esqueleto vivo. Estava feita a grande descoberta.

Inevitavelmente muitas histórias e fábulas a-propósito-das descobertas ou invenções de grande significado, são freqüentes, e os raios de Roentgen não escaparam à regra.

A história mais popular talvez, é o mito do livro e da chave. «Um dia Roentgen pôs um tubo de Hitorf a funcionar, coberto de papel prêto. Chamaram-no por instantes, e êle deixou o tubo a funcionar, tendo ao lado um livro e uma chave, que marcava a página onde a leitura fôra interrompida. Por acaso, um *chassis* fotográfico carregado, estava debaixo do livro. Quando voltou, interrompeu a corrente, pegou nesse *chassis* e outros e foi até ao jardim fazer fotografias, que era o seu desporto favorito. Ao revelar as chapas, numa delas encontrou a imagem da chave».

Esta notícia não passa duma história, porque nenhum dos seus assistentes ou alunos, até à data em que a descoberta foi comunicada, dela tinham conhecimento.

A primeira pessoa que dela teve notícia foi a sua espôsa Berta, em começos de Novembro de 1895. Seria accidental a descoberta? Segundo a opinião popular, seríamos levados a acreditá-lo, mas um cuidadoso estudo da personalidade e valor científico de Roentgen, as referências dos cientistas contemporâneos, mostram o contrário.

Êle era, indubitavelmente, um dos mais eminentes físicos da sua época, mesmo sem a descoberta dos *Raios X*. De-resto, ela não foi mais que o termo final duma correlação brilhante e lógica duma multidão de factos, estudados por outros físicos.

Muitos cientistas antes dêle, tinham feito semelhantes observações, mas não viram o que êle viu. A sua fina observação, e o seu juízo crítico, associados a grande experiência, permitiram-lhe uma descoberta de tão grandioso significado.

Em 1602 dizia o professor Hircher: «A natureza, muitas vezes, apresenta fenómenos complexos que parecem simples, mas êles só podem ser percebidos por pessoas que tenham qualidades de observação perfeita e espírito de investigação, e sobretudo experiência, a mestra de tôdas as cousas».

O curto comentário do filósofo Munsterberg, é semelhante em espírito.

Com efeito, pouco depois de anunciada a boa-nova, sôbre a qual sempre recusou admitir a idea de que fôsse accidental, dizia: «Suponhamos que foi por acaso!

Antes de Galvani mostrar que a contracção da pata da rã na grade de ferro, era de causa eléctrica, os efeitos galvânicos já existiam no mundo, e o mundo está sempre cheio destes acasos, o pior é que Galvanis e Roentgens há poucos.»

Após a sua primeira observação, o sábio lançou-se febrilmente, no decorrer de poucas semanas, numa série de experiências cuidadosamente planeadas. Não saíu mais do laboratório; ali comia, ali dormia, para não serem perturbadas novas ideas, que surgiam durante o trabalho.

É difícil, mesmo hoje, imaginar a quantidade de fenómenos desconhecidos e complicados com que o cientista teve de lutar durante esse tempo. Por meio do *écran* e chapas fotográficas, fez tôdas as observações fundamentais que êle descreveu nas duas primeiras comunicações clássicas, com tal cuidado e saber, que nenhuns outros físicos e investigadores puderam juntar nada de novo ao trabalho original do mestre, durante muitos anos.

Deve-se a êle ainda o conhecimento de que os *Raios X* se propagam em linha recta; que não são reflectidos ou refractados, nem sequer desviados por campos magnéticos. Foi ainda êle que estudou a penetração através de diversos materiais, totalmente opacos à luz visível. Observou a dureza da radiação no fenómeno da absorpção, o aparecimento da radiação secundária e a condutibilidade do ar, quando atravessado pelos raios e muitas outras propriedades.

Uma imensidade de artigos apareceram na Imprensa mundial sobre as novas radiações. Basta dizer que cerca de 1.000 artigos e 50 livros sobre *Raios X* foram publicados num ano (1896). Caricaturas e poemas apareceram nos jornais populares, que formam uma das facetas mais curiosas da descoberta, e dão a idea da opinião pública.

Por exemplo, o jornal *London Pall Mall Gazette* dizia: «Estamos cheios de raios. Diz-se agora e esperamos que seja falso, que Edison descobriu uma substância, o tungstato de cálcio (um nome repulsivo), que é potencial ao *Raio X*. A consequência é que podemos ver os ossos das pessoas a olho nu, e até através de oito polegadas de madeira. Não há necessidade de frisar a indecência revoltante deste facto. Chamamos a atenção do Governo, porque se o tal tungstato, começa a ser usado correntemente, torna-se necessária uma restrição legislativa severa. Talvez fôsse melhor que tôdas as nações civilizadas se combinassem para queimar todos os trabalhos sobre *Raios X*, matar os investigadores, e juntar todo o tungstato do mundo e deitá-lo ao mar. Que os peixes e não nós, contemplem os seus ossos, se gostarem».

Esta mesma ignorância e pessimismo, expressa-se em gracejos e poemas. A Assembleia Reed de New Jersey apresentou uma moção à Câmara, proibindo o uso dos *Raios X* nos binóculos de teatro, e em Londres uma casa, aproveitando-se da ignorância do público, pôs à venda «roupa branca à prova dos *Raios X*,».

O jornal *Punch de Londres* (Janeiro de 1896), publicou o seguinte poema:

Ó Roentgen! Então é verdadeira a notícia,  
Ou é uma farça, uma história ou cantiga!  
Toma cuidado e segue o nosso conselho  
Deixa-te de ser coveiro de gente viva.

Não queremos, isso é lá com o Dr. Swift  
Que nos dispas nossa carne, nem por um triz  
Nem posar os ossos ou articulações  
Qualquer recanto onde metas o nariz.

Pois tôda a gente gosta de contemplar  
A fotografia de cada um vestido.  
Agora só os ossos, sem carne nem pele  
É uma porcaria e nem é divertido.

Havia de ter graça um noivo apaixonado  
Guardar da noiva o esqueleto para beijar.  
E olhar para êle com olhos ansiosos  
Só com uma bebedeira, e é para duvidar.

Podes guardar isso para o teu epitáfio  
Horrendas lembranças, macabras e más.  
Ou então desaparece e vai retratar  
O diabo, os fantasmas ou mahatmas.

(Tradução à letra).

Todavia, os detractores de Roentgen não conseguiam, com as suas sátiras, suster o curso triunfante do seu trabalho.

À legião dos oposicionistas, juntou-se o grupo inumerável dos optimistas que na nova descoberta julgavam ter alcançado a solução de velhos problemas, cuja resolução tanto preocupava a humanidade.

Pensavam conseguir assim a fotografia da alma, a vivisecção, a pedra filosofal, etc.

Um jornal americano chegou a noticiar que em certo departamento médico, se empregavam os *Raios X* para projectar no cérebro de alunos, diagramas anatómicos, e assim obter uma impressão mais duradoura de minúcias, do que o conseguido pelos métodos habituais de ensino anatómico.

O entusiasmo, porém, aumentou por impulsos rápidos. Mostraram-se as primeiras radiografias dentárias, Roentgen irradiou culturas bacterianas e

pela primeira vez empregou a sua descoberta num caso de medicina legal. Um período de ponderação e cautela impunha-se.

Na realidade, Daniel (1896) mostrou o efeito epilatório dos raios, e a violenta reacção cutânea que a radiação prolongada provoca, facto este logo confirmado por Elihu Thomson, o precursor dos estereoscópios, e experiências sobre os efeitos maléficos das radiações foram por alguns cientistas experimentados nas suas próprias pessoas. Roentgen continuava a sua brilhante carreira.

O imperador Guilherme quis conhecê-lo e assistiu, no seu palácio de Potsdam, às suas experiências, tendo-o condecorado. O príncipe regente da Bavaria ofereceu-lhe a «Verdienst Orden» e quis agraciá-lo com o título nobiliárquico de Von, o que Roentgen modestamente recusou, mas com firmeza. A Itália condecorou-o com a Ordem de Crown, e a Inglaterra com a medalha de Rumford.

Na realidade já não se deturpava o seu nome nos jornais, e a sua identidade, vida de estudo e probidade científica, começou a ser conhecida de todos.

Os seus estudos na infância foram mal sucedidos. Castigado disciplinarmente por não ter divulgado o nome dos seus companheiros em faltas sem importância, teve de abandonar a escola de Utrecht. Foi frequentar a Escola Técnica de Zurich, onde os professores Clausius e Kundt se interessaram logo pela sua vivacidade e inteligência. Efectivamente, em 1896, recebia o grau de doutor em Filosofia e foi nomeado assistente de Kundt. Depois de ter percorrido, como professor, as Universidades de Hohenheim e Strasburgo, onde só e em colaboração com Kundt, publicou uma série de trabalhos que o levaram a professor na Universidade de Giessen, onde, durante 10 anos, fez os melhores dos seus alunos.

Foi em 1888 colocado em Wurzburg, uma das mais categorizadas Universidades e foi ali que fez, em 1895, a sua maravilhosa descoberta.

Várias Universidades se esforçaram por deslocá-lo, para prestígio das mesmas, mas ali ficou até 1900, quando aceitou, por especial pedido do Governo da Bavaria, a sua transferência para Munich.

Em 1904 recebe o primeiro prémio Nobel, de Física. Quando surgiu a guerra, com toda a lealdade entregou todo o dinheiro ao Governo, assim como valiosas medalhas e condecorações que possuía.

Terminada ela, o trágico resultado, pelas conseqüências ruinosas que trouxe, abalou-o profundamente, porque não acreditava que o velho prestígio moral do povo alemão, fôsse capaz de restaurar-se.

Em 1919 morria-lhe a esposa, e em Fevereiro de 1923 sucumbia êle em Munich, dum carcinoma intestinal, com a idade de 78 anos. Mas o seu espírito não morreu, e a sua obra vive e há-de viver eternamente pelo que tem de notável.

Foi com o auxílio de raios invisíveis duma espécie ignorada que Roentgen descobriu e primeiro realizou o milagre de ver num *écran* e fixar numa chapa fotográfica o seu próprio esqueleto vivo.

Dotou a nossa ciência dum maravilhoso meio de investigação e diagnóstico. Deve-lhe a medicina uma eterna gratidão. Os *Raios X*, como elle lhe chamou na incerteza da sua natureza, raios Roentgen, como lhes devemos chamar já que esse mistério foi descoberto, foram rapidamente applicados em todos os países no exame dos feridos e dos doentes. Um ano após a descoberta, dizia o Prof. Bouchard, de Paris, na Academia de Medicina, «se é verdade que a sua utilização presta incontestáveis serviços à cirurgia, elles são preciosos na medicina».

Todavia, ninguém pôde prever a prodigiosa evolução que esta ciência tomou com o aperfeiçoamento dos aparelhos, progressos técnicos na arte da diagnose. Hoje não há órgão, por mais profunda que seja a sua situação, que não lhe seja tributário.

São as imagens fugazes ou duradouras, o segrêdo da sua forma, dos seus movimentos, da sua estrutura e das suas lesões.

São sombras, é certo, mas ricas de sentido para o médico. Disse Montaigne: «c'est le jugement qui voit et qui entend».

Luz invisível mas que tem claridade na sombra do nosso organismo, os raios de Roentgen são também um fogo invisível capaz de destruir na sua passagem os elementos celulares dos tecidos vivos, escolhendo, entre estes, elementos de diversas espécies, para matar uns excluindo outros, suprimindo células doentes deixando intactas as sãs, as mais resistentes.

Longos esforços têm progressivamente aumentado a potência, a eficácia e o campo de acção desta arma incomparável.

O número de lesões benignas ou graves, superficiais ou profundas que ella combate com successo, em muitos casos já substitue com vantagem o bisturi, restringe o seu emprêgo ou completa a sua obra. Se nem sempre cura, mercê de vários factores, diminue o sofrimento ou prolonga a vida. A descoberta de Roentgen veio na hora própria, digna filha duma constelação de estrêlas de primeira grandeza que mostrou aos físicos um novo mundo, foi o prólogo doutras descobertas, prelúdio admirável da descoberta dos esposos Curie, esse pequeno sol em miniatura que, sem trevas e durante séculos, irradia calor, luz e electricidade.

A ciência que Roentgen criou não é, como tantas outras, novos ramos do antigo tronco da ciência médica, o fruto natural duma extensão crescente, ou duma ramificação necessária.

Nasceu armada dum cérebro genial, como Minerva do cérebro de Júpiter, appareceu no início como estranha à família médica. Poucos a trataram com carinho e admiração e muitos desconheceram, por ignorância, os méritos da

misteriosa mágica, ou pretenderam colocá-la no lugar de criada subalterna. Mas o tempo, o mais sábio dos juízes, encarregou-se de lhe mudar a situação. É porque a ciência não admite rivalidades, a ciência é o bem da humanidade, não tem fronteiras, não tem pátria, mas como outrora disse Pasteur, «o homem de ciência tem uma que adora, que serve e que honra pelo seu trabalho».



Maria Sklodowka nasceu em 7 de Novembro de 1867. Filha dum professor de matemática e física na Varsóvia, perdeu a mãe aos 9 anos de idade.

Esta perda irreparável e a atmosfera de opressão que a administração russa exercia sobre o povo da Polónia, e particularmente sobre as suas instituições de ensino, causaram-lhe profunda tristeza.

Obrigada a ganhar a vida, fêz-se professora particular aos 17 anos. Desde a juventude denunciou amor pelos estudos e observação da natureza. A sua vocação científica apareceu precoce, desenvolvida no contacto com o pai, e frequência dum pequeno laboratório municipal.

Em 1891, depois de ter pacientemente economizado o dinheiro necessário para poder continuar estudos científicos superiores, Maria, foi para Paris, inscrevendo-se como estudante na Sorbone. Durante quatro anos de vida severa e rude dum estudante pobre, «a minha mansarda (escreveu ela) era fria no Inverno, porque o carvão faltava muitas vezes, e não era raro que a água gelasse de noite.

«Para poder dormir tinha necessidade de empilhar as minhas roupas sobre a cama. No mesmo quarto cozinava com uma lâmpada de alcool. Muitas e muitas vezes tive de me contentar com um pouco de pão, chocolate, um ovo ou fruta. Ninguém me ajudava, e era eu mesma que carregava até ao sexto andar com o pouco carvão que podia comprar.

«Esta vida tinha, contudo, para mim um certo encanto. Dava-me a noção exacta da liberdade e da independência. Se, por vezes, sentia o peso da solidão, o meu estado de espírito habitualmente era calmo, e duma grande satisfação moral, todo concentrado nos meus estudos».

Em 1893 obtinha o grau de licenciada em ciências físicas e um ano depois em ciências matemáticas. Começou então a ocupar-se de investigações físicas experimentais, no laboratório de Lippmann.

Relaciona-se com Pierre Curie, então professor de física e química. Casaram justamente na altura em que era anunciada a descoberta de Roentgen. Os recursos monetários do casal eram pequenos.

Num modesto andar da rua Glaciere iniciaram um período de trabalhos e de felicidade. Madame Curie, desejosa de obter o grau de doutor em ciências, escolheu como assunto de tese, o estudo dos raios urânicos, que Becquerel recentemente descobrira.

Esta data marca uma série maravilhosa de descobertas, como poucos exemplos mostra a história da ciência.

Pôde medir-se a radioactividade pela ionização do ar e a condutibilidade eléctrica que êste fenómeno confere aos gases.

Foi com o auxílio dum electrómetro imaginado por seu marido e seu cunhado Jacques, ao qual associou uma câmara de ionização, que esta medida foi possível.

Verificou que a radioactividade dos compostos de urânio e tório estava ligada aos átomos desses metais.

Ensaçou então muitos outros minerais e verificou «começa aqui a despontar a sua grande descoberta», que vários desses minerais tinham maior radioactividade, embora a quantidade de tório ou urânio fôsse menor.

Êste fenómeno inesperado foi interpretado pelos Curie como sendo devido a um corpo desconhecido contido nos minérios em pequenas quantidades. E foi com o fim de verificar a verdade desta sua hipótese, que os dois trabalharam sem cessar durante cinco anos.

Nesta simbiose de dois sábios em frente duma pesquisa complexa e difícil, que apresentava diversos problemas, Pierre Curie encarregou-se do estudo das propriedades das radiações, M. Curie tomou de preferência o encargo químico e esforçou-se por separar e purificar os elementos radioactivos.

É impossível dissociar esta grandiosa obra, para pretender precisar a parte pessoal de cada um dos autores. Ela completa-se na intimidade perfeita de duas inteligências, e as descobertas que imortalizaram êste casal, levarão com tôda a justiça os dois nomes inseparavelmente associados.

Em 1899 isolou uma substância a que chamou *polonium*, em homenagem à sua pátria, e nesse mesmo ano, com o seu colaborador Bimont, descobriu o *radium*.

Era, contudo, necessário, para estar de acôrdo com a tradição química, isolar estas substâncias no estado de pureza, os novos corpos simples, fotografar o seu espectro e determinar os seus pesos atômicos.

Difícil então para o *polonium* por via da sua rápida desintegração, M. Curie consegue-o para o *radium*. Depois dum trabalho intensíssimo obteve, em 1902, alguns miligramas de cloreto de *radium*.

Estava provada a existência dum novo corpo simples. Em quantidade mínima nos minérios de urânio, tem um poder radioactivo de um milhão de vezes mais intenso que êste último elemento.

Esta descoberta deu rapidamente origem a outras. Sob a direcção do casal Curie, em muitos laboratórios da França, Inglaterra, Alemanha, etc., os químicos esforçam-se por encontrar novos corpos radioactivos, e os físicos por definir as propriedades destas complexas radiações.

Foi ela que descobriu o fenómeno da radioactividade induzida, e que esta é uma propriedade de tôda a matéria, e que todos os elementos origi-

nados por corpos radioactivos, em vêz de serem diferentes e indestrutíveis, derivam da base da idea moderna no que respeita à estrutura do átomo.

Ruthford descobre o *radon*, emanação gasosa do *radium*. Debiere o *actinium*, Boltwood o *ionium*, Hahn o *mesotorium* e o *radiotorium*.

Assim, a descoberta de Curie deu acesso a um domínio inteiramente novo, marcou progressos fundamentais na físico-química, e tudo isto num pequeno laboratório, incómodo, mal aparelhado, sem pessoal e sem dinheiro.

«E foi, contudo, nesse miserável e velho alpendre (diz Curie) que nós passamos os melhores e os mais felizes anos da nossa vida. Muitas vêzes fiz lá o almôço, e uma das nossas maiores alegrias era entrar de noite no gabinete e apreciar de todos os lados as silhuetas ténueamente iluminadas dos frascos e das cápsulas, que continham os nossos produtos.»

A importância da descoberta da radioactividade e o mérito da definição química precisa dos primeiros corpos, os radioelementos, foram julgados tais, que receberam o prémio Nobel, de Física, em 1903. A Pierre Curie foi proposta a Cruz da Legião-de-Honra. Recusou esta condecoração, e pediu um laboratório melhor.

Satisfeita a petição e para honra dos sábios, foi criada uma cadeira de Física Geral e Radioactividade e M. Curie nomeada chefe dos trabalhos.

Algum tempo depois (1906), quando P. Curie se dirigia para a Academia das Ciências, que o tinha nomeado seu membro, é esmagado por um camião.

A ciência perdia um verdadeiro valor. M. Curie, cheia de dor, não desanima. Continua a trabalhar, a trabalhar sempre, até obter o cloreto de rádio perfeitamente puro. Isola o corpo radioactivo no estado metálico, determina com precisão o seu pêso atómico, descobre um processo de dosagem de pequenas quantidades de rádio pelo cálculo da imanação, e publica em 1910 um trabalho clássico de Radioactividade.

Pouco depois preside a um congresso de Radiologia, em Bruxelas, onde se definiram as unidades de radioactividade.

O *Curie*, e submúltiplos, *millicurie* e *microcurie* subsistem ainda hoje, em sua homenagem.

Foi encarregada de preparar o primeiro *estalão* de rádio que ficou depositado em 1911 no Bureau Nacional de Pêsos e Medidas, para servir de *contrôle* rigoroso dos estalões secundários pedidos por diversos países. Nesta ocasião recebe o segundo prémio Nobel, de Química.

Inicia-se então a aplicação médica do rádio, que atinge um grande desenvolvimento. As queimaduras de Becquerel e Pierre Curie tinham mostrado a acção biológica dêste elemento, e seus perigos.

Aos primeiros ensaios incertos succede o emprêgo de tubos no tratamento dos tumores malignos. A descoberta da separação por filtração dos *Raios Y* (ultrapanetrantes), dos raios *alfa* e *beta*, deram um grande impulso à Curieterapia.

A grande guerra de 1914 privou o laboratório de M. Curie de todos os trabalhadores válidos. Impunha-se o dever de servir a Pátria, cada qual na medida das suas forças. M. Curie escolheu, para servir a sua Pátria adoptiva, um campo de actividade que absorveu a maior parte do seu tempo e dos seus esforços, até ao fim da guerra e mesmo mais tarde. Foi a organização dos serviços radiológicos para as ambulâncias e hospitais militares. Mais de 200 postos fixos e cêrca de 20 automóveis radiológicos, foram por ela organizados, tanto na zona francesa e belga, como nos territórios não ocupados pelo exército.

Muitas vêzes conduziu o automóvel ao *front* para inquirir das necessidades, instalações de novos postos, instrução de técnicos, etc.

Em 1916 foi encarregada pelo Serviço de Saúde Militar de criar um curso de radiologia na Escola de Enfermeiras Edith Cawell, e aí ensinou cêrca de cento-e-cinquenta técnicas de Roentgen.

Depois da guerra não cessou o trabalho. Todo o tempo foi utilizado no ensino de numerosos alunos que chegavam de tôdas as partes do mundo, e obrigações de tôda a natureza que lhe impunha, embora contrariada, o seu renome universal. A sua maior alegria foi ver nomeada chefe dos trabalhos práticos do seu laboratório a sua filha Irene Curie, que seguindo os passos de sua mãe, formou, com o Doutor Joliot, um novo grupo de sábios, cujas descobertas se impõem à admiração do mundo científico contemporâneo.

Nos últimos quinze anos a actividade de M. Curie foi notável. Não é possível, sequer, mencionar aqui as numerosas publicações das suas descobertas. Menciono apenas como mais importante, a separação, a purificação e a concentração dos corpos radioactivos raros. Propriedades magnéticas dos aços temperados, as substâncias radioactivas, as constantes de desintegração dos elementos, a isotropia e elementos isotropos, os corpos radioactivos raros das famílias do *radium*, *actinium*, etc.

Ela teve sempre a esperança de encontrar nestes corpos uma utilidade terapêutica, introduzindo-os no sangue, de modo a pôr em contacto as suas afinidades para os diversos tecidos.

As aplicações médicas das radiações, razão de ser essencial do Laboratório Pasteur, do Instituto de Radium, espalharam-se por todos os grandes países, a ponto de este Instituto ter de organizar uma secção nova, que foi denominada «Fondation Curie». Lá trabalhou com ardor, porque acreditava com razão na crescente eficiência da luta contra os cancros, que as suas descobertas tinham tornado possível.

A grandeza da personalidade da sua obra, não foi menor que o vigor e profundidade intelectual pouco comum. Ultrapassando em saber os primeiros físicos e químicos do seu tempo, fundou o estudo sistemático da radiação espontânea dos elementos, *A radioactividade*.

Partindo da descoberta que a radiação é uma propriedade do átomo, cuja qualidade e quantidade são especiais para cada substância, por meio do

electrómetro como varinha mágica nas suas mãos, descobriu novas origens da radioactividade. «Há uma Química Particular (disse ela), para a qual o emprêgo corrente é o electrómetro e não a balança, e que devemos chamar a química dos imponderáveis».

O trabalho extenuante de preparação do rádio durante oito anos, executado por ela e seu marido, depois por ela e seus colaboradores, produziu mais de um grama do precioso corpo radioactivo. Deu-o ao seu laboratório; pô-lo à disposição para aplicações terapêuticas no tempo em que os seus recursos monetários eram fracos. Os esposos Curie nada quiseram em proveito próprio. Não houve patentes, nunca fizeram segredos dos métodos e processos de trabalho e tôdas as descobertas ou teorias foram sempre comunicadas aos seus colegas cientistas. Prémios ou dádivas em dinheiro, reverteram sempre a favor de Laboratórios ou Hospitais. Êste nobre exemplo de desinterêsse teve felizmente mais tarde a sua recompensa.

Em 1921, uma subscrição feita por senhoras americanas permitiu que lhe fôsem oferecidos cem mil dólares, que o Presidente Harding lhe entregou para a compra de um grama de *radium*. O aluguer do precioso metal durante um ano, rendeu 3.500 dólares, que ela deu ao Hospital de Cancerosos de Warsaw.

A aquisição de um segundo grama de *radium* foi possível por um donativo de 50.000 dólares, quando da sua segunda visita aos Estados-Unidos, quantia que lhe foi entregue pelo então Presidente Hoover.

Foi com entusiasmo e triunfalmente recebida em numerosas sociedades científicas do mundo, onde o seu nome se inscreveu como titular, honorária, associada ou correspondente. Colômbia, Yale, Northwestern, Pensilvânia, Pittsburgh, etc.

Foi a primeira mulher admitida na Academia de Paris em condições excepcionais. A-pesar-de não ser médica, estava perfeitamente ao corrente dos progressos no tratamento dos cancros, interessou-se sempre pelos problemas de higiene social e obras gerais de educação. E assim, um grande número de membros da Academia de Medicina, que se apresentavam como candidatos ao lugar vago, desistiram voluntariamente para que ela o ocupasse.

Ainda há bem pouco tempo (Maio de 1932), por ocasião da inauguração do Instituto de Radium Maria Curie, na Varsóvia, uma emoção profunda suplantava tôda a sua alegria. Ao lado dos componentes do Governo, duma *élite* de sábios, de médicos e tôdas as notabilidades da sua terra natal, numa apoteose indescritível, sentada à direita do Presidente da República da Polónia, concentrava o seu pensamento no grande contraste da sua vida.

Em Novembro de 1891, estudante obscura e pobre, teve de abandonar a sua Pátria, riscada do número das nações livres. Em 1932, a mulher mais ilustre do seu tempo, revia a sua Pátria independente, ela que pensou nunca mais tornar a vê-la.

Já passam 42 anos sobre a descoberta da radioactividade do urânio e 40 apenas sobre a descoberta do rádio.

Este curto instante da história da ciência, foi suficiente para mostrar na sua grandeza excepcional as conseqüências dessas descobertas. Cessou definitivamente a física de considerar a matéria constituída por átomos imutáveis e eternos. Em medicina, a aplicação benéfica das radiações que acompanham a desintegração espontânea dos átomos, conferiu a descoberta da radioactividade e dos radioelementos, como disse o Prof. Perrin, a característica duma «perfeita descoberta». Os *Raios Y*, da mesma natureza que os *Raios X*, encontraram na terapêutica uma utilidade importante, e esta evocação faz-nos meditar na perda que foi para a ciência o desaparecimento destes sábios, e meditar ainda mais na grandeza do espírito humano em tão frágil invólucro.

O espírito de M. Curie movimentou-se numa esfera muito superior à da maior parte dos seres humanos e a sua obra coloca-a na lista dos maiores entre os maiores. Deve servir-nos de exemplo a todos pela sua incessante pesquisa da verdade, uma consciência incorruptível, um incansável ardor pelo trabalho e o total esquecimento de si própria no cumprimento da alta missão que Deus lhe tinha confiado.

Guardo ainda nos meus olhos aquela imagem que vi há alguns anos, quando visitei o seu Laboratório. Um rosto delicado de santa, enquadrado de cabelos grisalhos, grandes olhos luminosos, pálida, vestida de preto, duma simplicidade que me deu vontade de ajoelhar a seus pés. Uma atitude de resignação que traduzia bem o cansaço de aturar importunos, a que o eco das suas descobertas a condenaram no último percurso da sua carreira.

Foi-lhe verdadeiramente pesado o fardo da celebridade. Sob um aspecto de timidez e reserva extrema, não sabia esconder os sentimentos delicados e generosos. A sua figura, e a de seu marido, ficarão eternamente cobertas de uma auréola de glória por uma das descobertas mais prodigiosas de todos os tempos. Em Abril de 1932, uma queda no seu laboratório obriga-a a uma permanência de cinco semanas num hospital, dali para um sanatório e em Julho de 1934 perdia-se a maior cientista do seu tempo. A anemia progressiva produzida e agravada pelo longo contacto com as radiações, não perdoou.

Por sua expressa determinação só os seus colaboradores e pessoas íntimas se reuniram no cemitério de Sceaux. Na maior simplicidade, sem discursos, mas no meio de flores que ela tanto adorava, foi sepultada ao lado de seu espôso. Um pouco de terra da Polónia que lhe trouxe seu irmão e sua irmã, um pouco de terra da França, símbolo de duas pátrias queridas à mulher ilustre que se perdia para sempre. As jóias que ornavam os seus dedos eram os estigmas indeléveis do tributo que os radiologistas têm pago tantas vezes à ciência ou à profissão. Tão nobre exemplo de sacrifício, de humanidade, fizeram dela uma mártir, uma vítima e uma santa.

Se é justa a nossa dívida de gratidão para com estes sábios que tantos benefícios trouxeram à humanidade, estou certo que a maior homenagem que lhe poderíamos prestar, se fôsem vivos, seria com certeza a criação de centros de luta anticancerosa, onde as suas descobertas tivessem imediata e constante aplicação prática.

Tudo o que os físicos, biólogos ou médicos têm estudado ou descoberto nos diferentes países, é para ser aplicado aos doentes, inspirados pelo mesmo ideal na pesquisa desinteressada da verdade, atenuar ao menos a miséria humana.

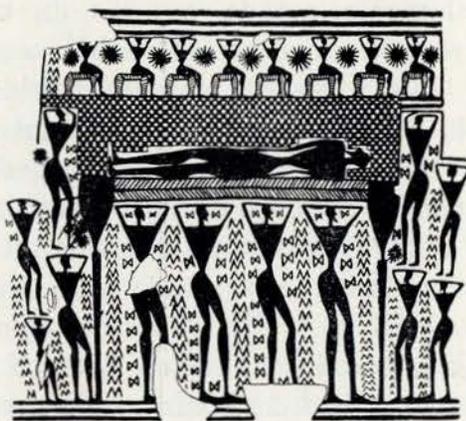
A despeito das diferenças de raça, de idioma, de tradições, de história da vicissitude de acontecimentos políticos, todos pertencem à mesma família espiritual.

Já que mais não me é dado fazer como preito da minha homenagem, e agora que tive o ensejo de lhes recordar, embora a largos traços, o que foi a obra destes sábios imortais, a partir desta data instituo o Prémio Roentgen-Curie, na importância de Esc. 500\$00, que todos os anos entregarei ao aluno que melhor aplicação mostre pelos estudos radiológicos.

Disse.

ROBERTO CARVALHO,

Prof. de Radiologia da Faculdade de Medicina do Pôrto.



# MARQUES ABREU

OFICINAS DE FOTOGRAVURA



Avenida Rodrigues de Freitas, 310

PÔRTO

CASA FUNDADA EM 1900

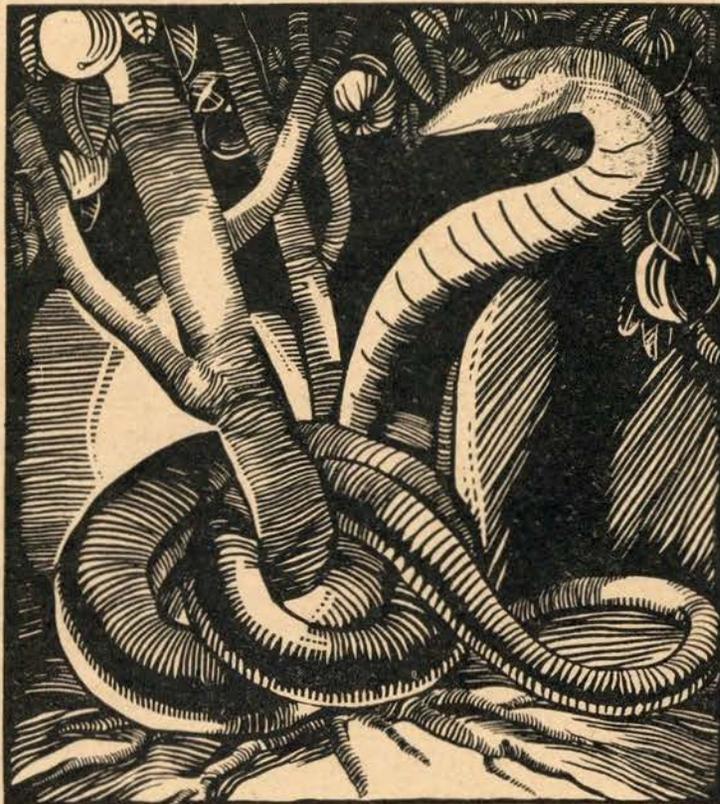


Pela magnífica instalação destas oficinas, pelo moderno e aperfeiçoadíssimo material adquirido e ainda pela larga escala em que se trabalha, são as que melhor podem servir o público com

R A P I D E Z ,

P E R F E I Ç Ã O

E E C O N O M I A



AUGUSTO

GOMES

Preço 5 escudos